


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

AÇÃO VOLUNTÁRIA: "SER COM O OUTRO"


KRYSTYNA MATYS COSTA
Chefe do Depto. de Serviço Social
CSE-UFSC

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Serviço
Social da Universidade Federal de Santa
Catarina para obtenção do título de
Assistente Social pela acadêmica:

Aprovado Pelo DSS
Em _____/_____/_____

Véra Inêz Gauer Nilsson

Florianópolis(SC), novembro de 1995.

**“Todo aquele que passa por nós,
deixa um pouco de si e leva um
pouco de nós! “**

(Theodore Roosevelt)

Anders,

Este trabalho é testemunha do
companheirismo, dedicação,
incentivo e amor que nos une.
Ele também é seu!
E, ao nosso filho que hoje
pulsa em mim.

AGRADECIMENTOS

À Deus por sentir sua presença em todos os momentos, principalmente quando a vontade de desistir e de voltar atrás foi muito grande.

À Mestre e amiga Professora Nilva, que desde o início do curso me apoiou, incentivou e, agora no final do curso pude contar com seus ensinamentos. Hoje me atrevo a dizer: “a amiga certa, das horas incertas”.

À Mestre “Graça” que, com sua brandura, transmitiu-me calma, respostas aos meus anseios e, pelas reflexões que juntas fizemos. Mas, principalmente por ter sido companheira e amiga, que às vezes mesmo distante senti-me agraciada pelo seu olhar meigo e por sua ternura.

À Equipe Executiva da Ação Social Arquidiocesa: Sandra, Darlene, Marlete, Teresa e Roberto, porque me fizeram sentir como “parte” integrante da mesma.

À você Vera Nícia, supervisora e grande amiga de todas as horas, pelos seus ensinamentos, troca de experiências, por tudo aquilo que aprendemos e sonhamos juntas.

À Krystina pelo crédito de confiança em mim depositado, por tê-la bem perto quando de ti precisei.

As amigas Drica, Beti, Oliva, Clau, Celita e Rosinha, pelos momentos de angústia, alegrias, expectativas e aprendizado que juntas partilhamos.

Aos meus familiares, em especial a minha mãe Alice, pela sua fé inabalável e por ter me ensinado o amor e o respeito a pessoa Idosa.

A todos os professores pelos ensinamentos e troca de informações.

Ao Zenirto pela amizade.

A Neiva por toda a ajuda nestes anos todos.

Aos funcionários do Departamento de Serviço Social: Regina, Ieda, Rosana, Marta e Ondina, grata pela atenção que sempre recebi de vocês.

E, a todos aqueles(as) que comigo conviveram nestes três anos e meio, na busca dos meus ideais e da minha utopia.

Obrigada!

RECONHECIMENTO

Às Idosas, Coordenadora e Voluntárias do Grupo de Idosos Santana-Agronômica, pela oportunidade impar de ter convivido com vocês nesse um ano e meio. Com vocês aprendi e cresci muito como pessoa, e como profissional a experiência foi enriquecedora e inesquecível.

Aos Voluntários que prontamente nos receberam e que, mesmo sem nos conhecer responderam ao questionário enviado, saibam que, seus depoimentos colaboraram para que este trabalho se concretizasse.

O meu sincero reconhecimento, deixo-lhes esta mensagem:

“Nascer é uma probabilidade,
viver é um risco,
envelhecer é um privilégio.

Marcelo A.Salgado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I - ANÁLISE DA SIGNIFICAÇÃO DA AÇÃO VOLUNTÁRIA

1.1 A função social da igreja no Brasil.....	01
1.2 Os leigos na igreja	14
1.3 Falando sobre o voluntário	19

CAPÍTULO II - A AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA E O TRABALHO COM VOLUNTÁRIOS

2.1 A Ação Social Arquidiocesana	25
2.2 O trabalho com voluntários na Ação Social Arquidiocesana	31

CAPÍTULO III - MOTIVOS E SIGNIFICADOS DA AÇÃO VOLUNTÁRIA

3.1 Compreensão teórica	39
3.2 Análise compreensiva/interpretativa dos motivos e significados da Ação Voluntária na Arquidiocese de Florianópolis.	47

CONSIDERAÇÕES FINAIS

59

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

63

ANEXOS

67

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso foi elaborado a partir da experiência e pesquisa que efetuamos como Estagiária do Curso de Serviço Social, junto à Ação Social Arquidiocesana-ASA no período que compreende agosto de 1994 a dezembro de 1995.

O tema do presente trabalho surgiu a partir das primeiras observações que realizamos junto aos Grupos de Idosos que existem ligados a instituição. Nesse período procedemos a um levantamento a fim de sabermos quantos, quais eram os Idosos, os grupos e os voluntários que neles atuavam; chamou-nos a atenção o grande número de pessoas que desenvolviam atividades sem no entanto haver qualquer relação ou vínculo empregatício com a instituição; sendo que, por ocasião do levantamento eram um número de trezentas e setenta e quatro pessoas (374).

A medida que íamos tendo contato com os Voluntários mais aguçadas ficávamos para entender a ação por elas desenvolvidas. Ainda na primeira fase de estágio e como exigência das disciplinas de Teoria e Metodologia do Serviço Social IV e Pesquisa Social I elaboramos projeto de pesquisa "O que mobiliza a pessoa a engajar-se no trabalho voluntário", o qual após a discussão com a Supervisora de Campo passou a ser executado nas fases seguintes resultando no trabalho que ora apresentamos.

A convivência com as Voluntárias, cada vez mais aumentava o ponto de interrogação inicial: qual o motivo que as levava dedicar parte de seu dia, de sua semana, de sua vida na atividade com grupos, pessoas Idosas? Como se sentia realizando suas atividades nos grupos? Qual a contribuição efetiva que a instituição lhes propiciava face aos treinamentos oferecidos? Fomos discutindo, refletindo no sub-núcleo, procurando bibliografias que nos ajudassem a entender tal ação e que ao mesmo tempo chegasse até as Voluntárias e as fizesse refletir sobre isso de modo que suas atividades obtivessem uma melhor qualidade, um maior avanço.

Desde o início de nossa pesquisa nos deparamos com uma dificuldade de localizar referencial teórico que pudesse nos auxiliar nessa compreensão. Contudo isto

não nos impediu de fazermos uma tentativa de entendimento dessa a ação. Para tanto nos propusemos a escrever este trabalho que será dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo apresentaremos alguns momentos e aspectos que nos foram possíveis de serem estudados no tocante a configuração da ação voluntária no decorrer da história, no qual falaremos da influência e do papel que o Estado, a Sociedade Civil e a Igreja e, principalmente esta que sempre teve um lugar inquestionável no campo da assistência social. Já a sociedade civil teve seu papel de peso na construção e afirmação de uma sociabilidade baseada em valores tais como, a solidariedade. E como mola propulsora desta ação com discursos e práticas diferenciados a ação voluntária.

Já, no segundo capítulo, trazemos algumas informações que julgamos importantes para o entendimento do espaço institucional onde vivenciamos nossa prática de estágio, quando, como e com quais objetivos foram desenvolvidos pela ASA treinamentos com Voluntários desde praticamente o início de suas atividades, bem como quais orientações receberam estas pessoas que atuam nos grupos para entendermos posteriormente qual o rebatimento que estas tiveram, no desenvolvimento das ações junto aos Grupos e conseqüentemente, a pessoa Idosa que deles participa.

E, para contarmos como foi a nossa prática de estágio, a pesquisa, com reflexões acerca desta iluminados pelo referencial teórico, tendo como categorias fundantes para a análise das falas dos voluntários: **a intencionalidade, o significado, a consciência crítica e a consciência histórica e motivos**; tendo sempre presente que estávamos frente a frente com uma pessoa e, diante da compreensão chegada qual a contribuição que o Serviço Social pode oferecer neste contexto.

Finalmente serão apresentadas as considerações finais, referências bibliográficas e anexos que julgamos pertinentes para ilustração desse trabalho.

CAPÍTULO I

ANÁLISE DA SIGNIFICAÇÃO DA AÇÃO VOLUNTÁRIA

1.1 A função social da Igreja no Brasil

Tendo como cenário o Brasil da atualidade, vimos configurar a presença de um Estado com papel secundário, como regulador das “regras do jogo”. Com o apoio da iniciativa privada, excludente em suas políticas sociais e vivendo numa sociedade marcada por uma profunda religiosidade, pobreza crescente, violência, recessão, “apartheid” social é que começamos a retornar no tempo para melhor entender como a ação voluntária foi se caracterizando até chegar aos nossos dias; ressaltamos que, diante desse contexto, se torna imprescindível passar pela igreja e grupos religiosos, devido ao grande papel que estes representaram na construção dessa história.

É grande a quantidade de organizações voluntárias que surgiram nos mais diversos campos de atuação: cultura, educação, assistência social, grupos sociais (negros, idosos, índios) em defesa dos direitos humanos e que, comumente, são terreno para ações voluntárias. Mobilizam recursos financeiros das mais diversas origens, e atuam nos mais diferentes âmbitos, podendo atravessar fronteiras. De natureza privada, trabalhando a serviço do público, não estão ligados a órgãos do governo; elas são as Organizações Sem Fins Lucrativos ou Organizações Não Governamentais - ONGs.

Para Landim (1993), são várias as definições para esse tipo de organização, e refletem as mais diferentes ou a diversidade de visões que se tem sobre elas, e que é somente a partir dos anos 80, que essa questão se torna alvo de estudos e produções acadêmicas, embora essas organizações sejam protagonistas de democratização, participação e muito contribuam para aliviar os problemas humanos pelo mundo afora.

Nos contextos de Terceiro Mundo Latino Americano, essas organizações aparecem ligadas à democratização e à construção da sociedade civil, tida como espaço de manifestação de pluralismos, de possibilidades de realizações, representando um importante papel na resolução de problemas e insatisfações presentes nas sociedades capitalistas.

No Brasil, as Organizações Sem Fins Lucrativos¹ vêm crescendo e ganhando visibilidade hoje, visto representarem, constantemente, a fronteira entre o público e o privado. Contudo, a forma que essas organizações assumiram na sociedade e, conseqüentemente, na história brasileira, frente às transformações ocorridas no cenário nacional, não foram alvo de discussões na sociedade. Nem por parte da historiografia, como fala Landim, (ibid. pag. 8)

“O exercício de procurar ao longo do tempo as organizações não governamentais sem fins lucrativos... se dá, nessa história, de modo fragmentado e descontínuo, à sombra de outras problemáticas onde o Estado e as relações público-privado têm sido objetivos privilegiados”.

Portanto, ao elencarmos aqui, a trajetória das organizações voluntárias no Brasil, percebe-se que representou e vem representando um profundo exercício de pesquisa e revisão bibliográfica.

Se nos detivermos na história do Brasil, iremos perceber que durante quatro séculos, o centro da vida social, política e econômica de nossa sociedade foi a agricultura de exportação, de mão-de-obra escrava como por exemplo, pequenos agricultores sem título de propriedade.

No período colonial, visualizávamos as grandes fazendas com a senzala, a capela e o canavial, casas de moradores e, muito esporadicamente, homens livres. As relações que se estabeleciam nesse contexto eram as de dependência, onde se trocava individualmente a proteção e favores por lealdade e serviços que, comumente, conhecemos por clientelismo.

Outro aspecto bastante importante a ser ressaltado nessa época é o papel que a Igreja Católica desempenhou até 1889, com a Proclamação da República,

¹ Organizações Sem Fins Lucrativos são encontradas no Brasil diversas nomenclaturas para designar estas instituições: sociedades civis sem fins lucrativos, ou simplesmente organizações, ou entidades sem fins lucrativos, associações, entidades filantrópicas, beneficentes, de caridade, as ONGs e fundações

quando vigorou, no Brasil, o modelo de cristandade, com o catolicismo sendo a religião oficial do Estado.

A Igreja, ao mandar para o Brasil os missionários, a fim de que fundassem escolas e convertessem os índios; criassem dioceses e paróquias; instalassem ordens religiosas e conventos, torna-se uma *“peça fundamental de legitimação do poder do Estado colonizador”* (ibid, pag.12); contribuindo para a consolidação da sociedade colonial com um perfil autoritário e patriarcal. Essas marcas permanecem na história, e as mudanças que foram efetuadas até as primeiras décadas do século XX, quer sejam na área política ou institucional, foram no sentido de adaptar os interesses da grande lavoura. Nesse momento, o terreno não era propício para que surgissem associações voluntárias autônomas, com o objetivo de prestarem serviços públicos.

Nesse contexto, pensar em iniciativas de caráter filantrópico, supõe pensar na igreja e no seu papel como órgão público na organização da sociedade civil. *“Os rituais religiosos tais como, batismo, funeral e o matrimônio eram condições essenciais para o reconhecimento do indivíduo, sendo que, as instituições religiosas - capelas, confrarias, irmandades, paróquias e dioceses, representavam espaço por onde se passava a vida social.”* (ibid, pag.13)

» Portanto, pensar em assistência, no período colonial, convém necessariamente pensá-la ligada à igreja com o mandato do estado na sua promoção. Cabe lembrar o caráter leigo do catolicismo colonial. *“É o catolicismo dos Santos padroeiros, das devoções das festas, das romarias, dos santuários e das capelas erigidas por toda a parte da população”.* (ibid, pag. 14) que se desenvolveu graças à grande quantidade de leigos não articulados entre si, que se encarregaram dos trabalhos religiosos. É nesse campo que vamos encontrar as Confrarias² e as Irmandades³.

² Confrarias- resquícios de corporações de artes e ofícios.

³ Irmandades: estas apareciam vinculadas às tradicionais ordens religiosas medievais: franciscanos, carmelitas e dominicanos.

associações voluntárias⁴ “*através das quais se tinha acesso aos serviços sociais, ao lazer, à convivência social*” (Oliveira op. cit. Landim, 1993, pag. 14)

As confrarias normalmente formadas em torno das capelas representavam um típico exemplo de participação coletiva dos leigos no período colonial. Seus estatutos deveriam ter a aprovação do Rei e da Igreja, embora não dependessem destes para desenvolver suas atividades e para sua administração.

Já as Irmandades, na sua maioria, representavam determinadas classes sociais, como por exemplo, a Irmandade dos Homens Negros ou a da Santa Cruz dos Militares, que refletiam a influência da miscigenação racial constante no Brasil. Os devotos dessas Irmandades (Associações Voluntárias) contribuíam materialmente para seu funcionamento e, em troca, recebiam auxílio médico, financeiro ou funeral. Segundo Bruneau apud Landim, essas irmandades mantinham freqüentemente casas de caridade ou asilos para indigentes.

Podemos encontrar, também, na sociedade colonial, a chamada filantropia senhorial, onde os Senhores das grandes fazendas eram os responsáveis por donativos e heranças que, aliados às esmolas, eram os recursos com os quais essas entidades podiam contar. Além disso, os eremitas- indivíduos que se dedicavam à vida ascética, à promoção de culto e devoções- foram outros personagens marcantes da história dos leigos no catolicismo colonial. Azzi, citado por Landim, traz o exemplo de Joaquim do Livramento como uma das iniciativas individuais de realizar a filantropia, por ter sido o criador de escolas, asilos de meninos e seminários.

Tendo como alicerce as ordens religiosas na estruturação da assistência social, saúde e educação, é que chegam no Brasil, no Século XVI os Jesuítas com a missão-colonizadora de instalar as “escolas de ler e escrever”. Destaca-se, também, que nesse período, Franciscanos, Carmelitas e Beneditinos, ao lado das Santas Casas de Misericórdia e hospitais, fundados nas antigas escolas dos Jesuítas, representavam aqueles que, com grande eficácia, convertiam índios, criavam seminários e eram os

⁴ Associações Voluntárias- entidades privadas de serviços sociais, saúde, educação, voltadas para seus membros e extensiva a um número e variedade de formas organizativas e iniciativas sociais, que vão desde clubes recreativos e sindicatos.

responsáveis pela assistência pública à saúde. As ordens e congregações religiosas dispunham de autonomia econômica, com recursos advindos, não apenas de doações, mas de heranças e dotações de particulares.

Em suma, o que podemos chamar de Associações de Voluntários, surgidas no período, aconteceram no espaço da igreja católica ou sob seus cuidados, permeadas pelos valores da caridade cristã, dentro do catolicismo que fora implantado, cujo pano de fundo eram as relações dessa com o estado. Como nos diz Landim, é a mistura do público e do privado, do confessional e o civil. *“A assistência à população nestas diversas áreas esteve marcada pela lógica da autoridade tradicional, onde coube aos ‘Senhores a iniciativa da proteção aos ‘pobres’⁵, segundo o sistema hierárquico do dom e da lealdade”*. Araújo citado por Landim:¹⁵, esclarece essa forma de assistência: *“Muitos fazendeiros reservavam na Casa Grande um aposento destinado aos familiares enfermos e, em suas terras, uma casa ou dependências especiais para empregados e escravos, quando acidentados ou doentes”*.

No período que compreende a Independência, a Monarquia e a Primeira República, percebe-se a consolidação do controle do Estado sobre os interesses agrários, o que ficou conhecido como o Coronelismo, sistema intrincado, que funcionou baseado em hierarquias, lealdades, laços de parentescos e na troca de votos por favores políticos. Esse foi o palco das transformações da sociedade civil, que se constitui acoplado ao crescimento da população e dos centros urbanos.

Outra marca desse período, mais precisamente Século XIX, é a separação da Igreja e o Estado. Por um lado, este último afirma uma perspectiva leiga e racionalista, tentando assegurar-se de recursos técnicos e humanos, que possibilitassem o domínio do que anteriormente havia sido entregue à igreja. Esta, por sua vez, assume um ponto de ruptura, quando se confrontam as normas religiosas com as normas legais do Estado. É o que ficamos conhecendo como sendo a Questão Religiosa. O ápice desse conflito foi a proibição, por parte da hierarquia da Igreja, da participação dos membros das irmandades e confrarias em organizações maçônicas, este resistem e

⁵ Esta assistência não se caracterizava como Associação Voluntária pois, era destinada somente àqueles da fazenda e era efetuada de forma privada e pessoalizada, pautada pela proteção Senhorial.

ganham causa quando recorrem à justiça Imperial. A separação definitiva entre Igreja e Estado ocorre após a Proclamação da República, quando a constituição Liberal de 1891 *“estabelece a liberdade de culto, proíbe subvenções governamentais aos templos e a educação religiosa, reconhece validade apenas para casamentos civis, seculariza a educação”* (ibid, pag. 17)

Nesse momento, a Igreja, independente e sem apoio, entra em sintonia com Roma e obedece ao movimento religioso preconizado por Pio IX. O que acontece é a recristianização com a reforma do clero, envio de padres e freiras advindos principalmente de congregações Européias. Conventos são reabertos, são fundadas novas paróquias, associações de leigos são criadas com finalidade devocional, caritativa e assistencial.

O processo de reestruturação da igreja, no Brasil, passou fundamentalmente pela conclamação dos fiéis, tendo como orientação a caridade, como cerne da ética católica, o centro, a alma, a “rainha” de todas as virtudes.

Nesse projeto de estabelecimento de vínculos entre a igreja e as massas, a fundação de escolas, hospitais, obras pias e caridade ocupavam a preocupação central da igreja. Eram fundadas graças à esmola que os fiéis prestavam por serviços religiosos, tais como, sacramentos, missas... e eram de todas as classes. As contribuições para as obras religiosas e sociais, segundo Oliveira, citado por Landim, vinham principalmente das classes abastadas.

Nesse contexto, os colégios católicos representaram importante papel; teve-se na criação do Centro D. Vidal⁶, grande mérito quanto à articulação de intelectuais brasileiros de onde saíram vários líderes que fundaram outras instituições. O Centro D.Vidal exerceu influências fundamentais naquele momento, quer seja através do engajamento, quer seja na conquista dos intelectuais brasileiros. O Então Cardeal D. Leme, ao falar sobre o Centro, assim se expressava (Moura op.cit.Aguiar, 1991:25):

⁶ O Centro D.Vital foi fundado em 1922, destinado a penetrar no meio intelectual através de bibliotecas e publicações de livros selecionados. Este centro foi fundado pelos intelectuais Jackson de Figueiredo, Perilo Gomes e Hamilton Nogueira. (Aguiar, 1992, pag. 25).

“é a maior afirmação da inteligência cristã no Brasil”

Com o controle sobre as bases leigas, a igreja, por volta de 30, chegou a ser considerada a mais forte instituição da sociedade brasileira.

O ano de 34 vai marcar o início de um novo período entre Igreja e Estado, uma forte aliança. Na ampla colaboração entre ambos, multiplicam-se as entidades sem fins lucrativos que atuavam nas áreas da educação, saúde assistência. A filantropia exercida pelos empresários ou setores dominantes da época passa, nesse período, pela Ação Social da Igreja.

Encontramos, também, a presença de igrejas protestantes que, com a assinatura do Tratado de Comércio e Navegação firmado entre o Brasil e a Inglaterra, vão culminar na vinda ao país dos primeiros clérigos anglicanos. Além disso, grupos religiosos com menos visibilidade, tais como, Espíritas e Afro-brasileiros, Igrejas evangélicas de imigração (Luteranos) ou de missões (congregacionais, Presbiterianos, Metodistas e Batistas), embora perseguidos pelas autoridades, conseguem estabelecer laços significativos entre as camadas populares urbanas, dedicando-se às obras sociais.

Esse período ficou marcado pelo desenvolvimento da Ação Católica conclamada pela igreja, que comprometia e convidava o leigo para participar do apostolado hierárquico, e que ficou conhecida com a Ação Católica Brasileira-ACB, tendo como principal objetivo a formação do laicato para colaborar na missão da igreja *“salvar as almas pela cristianização dos indivíduos da Família e da Sociedade”* (Aguilar, 1991:23).

A partir do Papa Pio XI, a Ação Católica se inova e lhe é atribuído um ordenamento jurídico. Pio XI considerava a mesma como sendo a máxima necessidade de participação dos Leigos no apostolado social.

Cabe ressaltar que mais tarde, ligados à Ação Católica, são inclusas as chamadas JEC(Juventude Estudantil Católica), JUC(Juventude Universitária Católica), JOC(Juventude Operária Católica), Juventude Feminina Católica, que também

atuavam na formação de consciências distintamente cristãs. Percebe-se que é notória a participação do leigo como voluntário atuando na difusão da doutrina social da igreja e na recristianização do povo brasileiro.

A Ação Social também merecia destaque no papel que desempenhava; suas atividades tinham como objetivo promover o Progresso Social, a melhoria das condições de vida na sociedade e a aplicação à vida coletiva dos princípios da justiça e da caridade. Essa tarefa era exercida pela conjugação de esforços da Igreja, do particular e do Estado. A Ação Social é entendida como expressão do corpo místico da igreja: Pai, Filho e Espírito Santo.

É, pois, da Ação Social e da Ação Católica que saem, mais tarde, jovens para o Serviço Social no Brasil. Conforme Arlete (1982, pag. 46), a justificativa da ação social que a Igreja desenvolve nesse período, na área social, está intimamente ligada à crença de que a sociedade deveria propiciar ao homem condições de vida que lhes permitissem realizar seus destinos últimos que eram de vivenciar na vida terrena a vida eterna. Sua atuação se deu diretamente, através dos movimentos e instituições com caráter progressivo, preventivo e curativo.⁷

Nas últimas décadas do Século XIX, com a complexificação da questão social nas cidades, configura-se o surgimento de novas entidades de auxílio mútuo que se juntam às já existentes como, por exemplo, as Irmandades e Ordens Terceiras.

Nessas entidades, a assistência prestada era a farmacêutica, a médica, nas enfermidades, no desemprego, na invalidez e na morte. Temos, como exemplo, a Sociedade Portuguesa de Beneficência, fundada em 1840, que era uma das entidades que prestavam auxílio aos imigrantes, sobretudo europeus, que povoavam as cidades. O que se deu foi a proliferação das Associações Voluntárias nas cidades maiores do Brasil, que mudam de perfil paulatinamente, começando a se politizarem e a se constituírem em grupos de interesses, perdendo o caráter religioso, convertendo-se em movimentos e sindicatos.

⁷ Maiores esclarecimentos ler: Lima, Arlete Alves de, Contexto histórico em que se introduziu o Serviço Social no Brasil. In. Serviço Social no Brasil- A ideologia de uma década. 2.Ed, São Paulo: Cortez, 1982 e LIMA, Alceu Amoroso. Elementos da Ação Católica. Rio de Janeiro, ed. ABC, 1938.

Na gestão de Getúlio Vargas se inaugura no Brasil a era nacional-desenvolvimentista e centralizadora com a presença do Estado na sociedade, que se expressa e se consolida nas legislações previdenciária e trabalhista; a política social tem como característica o corporativismo, a fragmentação, a seletividade e a ineficiência. Vive-se sob a ótica do Estado de bem-estar Social com formação da chamada Cidadania regulada. *“Em outras palavras, são cidadãos todos aqueles membros da comunidade que se encontram, localizados em qualquer uma das ocupações reconhecidas e definidas em lei”*. (Santos op. cit. Landim:24), ampliando com isso, a marginalização de alguns segmentos, como, por exemplo, os trabalhadores rurais, cuja ocupação a lei desconhecia naquele momento. Cabe ressaltar que Getúlio soube muito bem cooptar os movimentos existentes, intervindo no quadro associativista.

Com o projeto Getuliano de natureza corporativista e autoritária, ao Estado coube, então, a responsabilidade pelo financiamento e prestação dos Serviços Sociais. Em 1935, é promulgada lei que estabelece a Declaração de Utilidade Pública como instrumento que regulava a colaboração entre as entidades sem fins lucrativos e o Estado. Nasce então, o Conselho Nacional de Serviço Social-CNSS, subordinado ao Ministério do Trabalho, que se encarregou de executar esse tipo de colaboração com a regulamentação através do decreto no. 5.698 de 1943, que preconizava a assistência a grupos desprotegidos, à velhice e à invalidez, à maternidade, educação, de anormais, de adultos...

É, também, desse período (1942), a criação da Legião Brasileira de Assistência-LBA órgão governamental responsável pelo atendimento aos setores mais fragilizados da população: crianças, gestantes, nutrízes portadores de deficiências e idosos, tendo como presidente a então Primeira-Dama a Sra. Darcy Vargas. A peculiaridade que marca a LBA desde os primórdios é a presença da força de trabalho Voluntário que, por um ato de boa vontade e de responsabilidade com o próximo, se congregam. A fonte inspiradora do primeiro movimento de trabalho voluntário ligado à área governamental no Brasil, foram as vicissitudes provenientes da participação na segunda Guerra Mundial. Os brasileiros que iam para a Guerra deixavam um grande número de famílias desprotegidas e vulneráveis às contingências da época. Darcy *

Vargas faz um chamado às Primeiras Damas para que cumprissem a missão de proteger a família dos soldados.

A necessidade de fazer algo pelos pracinhas começa a ser sentida pela sociedade. Caberia às Primeiras-damas se engajarem no movimento, conjuntamente com as Associações Comerciais e demais brasileiros. A assistência prendia-se no sentido de auxiliar, amparar os desvalidos, os necessitados, os atingidos mais diretamente pelas consequências da guerra.

Durante o período que compreende a década de 30 até o Golpe de Estado de 64 (era do autoritarismo, sob o Governo dos militares), assiste-se à criação de associações civis, organizações sindicais, entre elas a UNE (União Nacional dos Estudantes) em 1937, o SAR (Serviço de Assistência Rural), bem como movimentos leigos ligados à Ação Católica que vão formar correntes de esquerda e progressistas; representando um período de efervescência das organizações sem fins lucrativos, de objetivos diversos e de iniciativas ligadas ao governo, com forte presença do estado.

Para Landim (ibid. pag. 26):

“De meados da década de 50 em diante, a sociedade civil brasileira começa a povoar-se por um associativismo relativamente autônomo e fortemente politizado, onde os sindicatos atrelados ao Estado tiveram papel de peso”.

Com a implantação do regime de ditadura em 64, inicia-se um novo período, onde encontraremos a lenta e progressiva associação da sociedade civil. A modernização acelerada da sociedade, mudanças nas políticas sociais governamentais, modelo centralizador de rendas, a urbanização, a alfabetização e o crescimento da população universitária, caminhando para uma diversificação produtiva e social, são alguns dos aspectos que marcaram esse período.

Com a nova Constituição de 67, inspirada nos moldes da doutrina de Segurança Nacional, as organizações e movimentos populares são reprimidos, sindicatos e universidades sofrem intervenção federal, dissolução dos partidos políticos

com suas lideranças reprimidas, censura à imprensa, prisão, tortura e morte de grupos e partidos de inspiração marxista. Ao mesmo tempo, o Estado avançou sobre a sociedade civil e abriu áreas institucionais a interesses privados.

Entre 1964 e 1985, foram tomadas medidas para organização de sistemas nacionais públicos ou estatalmente regulados na prestação de bens e serviços sociais básicos, tais como: saúde, previdência, educação, habitação e assistência social. Na área da previdência, por exemplo, a intervenção é vinculada exclusivamente ao estado, sem a participação dos sindicatos.

Outra característica desse período, são os processos de privatização orientados pela lógica do mercado na aplicação de recursos públicos, favorecendo o crescimento do setor empresarial em detrimento do setor sem fins lucrativos. O que assistimos foi, de um lado, à modernização da sociedade e, de outro, o fechamento dos canais de participação. O que apresenta grande crescimento nesse momento, são as associações civis: Irmandades Religiosas, de Funcionários Públicos, de Trabalhadores, de Profissionais (professores, advogados, médicos, odontólogos, jornalistas, etc.) e de empregadores.

Cabe ressaltar o importante papel que a Igreja desempenhou nesse contexto. Sob a influência do Concílio Vaticano II e das Novas Orientações da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 1962, dava visíveis mostras de renovação pastoral; é a presença do laicato, o engajamento social e político. À revelia do Estado, espalham-se novos atores religiosos e leigos pelo país, estimulados, e cedendo espaços da igreja para a gestação de movimentos de operários, trabalhadores, donas de casa e de jovens, etc. A CNBB assume importante papel na defesa das liberdades civis e dos direitos humanos, promovendo a tradução da doutrina social cristã através de inúmeros documentos; ressalta-se a criação de novas organizações ligadas a esta: Comissão Pastoral da Terra e o Conselho Indigenista Missionário.

No Brasil, nas duas últimas décadas, assistimos ao forte crescimento de associações civis. Em meados de 80, o termo ONG- Organização Não Governamental começa a ser utilizado; no entanto, em 70, estas já podiam ser identificadas no conjunto das entidades que tomam corpo, misturando cristianismo e marxismo,

milîtância e profissionalismo, sendo sua principal característica o direcionamento político e, seu fundamento, o exercício da autonomia, cidadania e da transformação social.

Landim, ao citar dados de uma pesquisa efetuada pela Receita Federal sobre as entidades de assistência social em 1993, revelou que eram 55. 369, ou seja, representavam 29,13% das entidades sem fins lucrativos no Brasil que são religiosas, beneficentes e se dedicam à *"prestação de serviços de natureza diversa a grupos fragilizados da população como crianças, pequenas e abandonados, nutrízes, idosos, deficientes físicos ou mentais, alcoólatras, desempregados, os que se encontram na linha de pobreza absoluta, etc"*. (ibid, pag. 35). São, no geral, menos profissionalizadas, e o trabalho voluntário parece ter mais peso e valor simbólico.

Oliveira citado por Landim (1993, pag. 36) propõe uma divisão de entidades de assistência social existentes no país: o primeiro grupo seriam aquelas instituições tradicionais de caridade, com abrigos para crianças, idosos... inspirados nos sentimentos de compaixão, misericórdia, caridade e filantropia, de caráter assistencialista, paternalista e gerador de dependência de suas ações. No segundo grupo, estariam aquelas entidades de promoção do desenvolvimento e, por último, as entidades com fins eleitoreiros, pelos quais boa parte dos recursos públicos que são destinados à área social são apropriados por políticos, de caráter privado.

Contudo, apesar das diversas divisões e das diferentes áreas, é a área religiosa que, através das Obras Sociais Católicas (igreja) e do Estado, continuam até hoje na prestação de serviços assistenciais à população. A Igreja, por sua vez, baseada em sua doutrina, convida o leigo ao compromisso, tendo como ingrediente principal o amor. *"Sentimento que não se pode cobrar em contratos de trabalho, mas que esta presente de modo insubstituível na ação voluntária..."* (Lessa apud Landim:40)

Com a redemocratização, a nova conjuntura política e econômica propicia abertura ao diálogo e trabalhos comuns entre as entidades civis e empresariais. O que acontece é o crescimento das entidades sem fins lucrativos, associações de moradores, associações civis de todo o tipo.

Esse mundo mais recente, é permeado pelo ideário de construção da sociedade civil e da cidadania não regulada, mas ativa e participante.

Hoje, pensar associações voluntárias, Organizações Não Governamentais, em ação voluntária implica, também, como nos referimos anteriormente, identificar a ação cada vez menor do Estado, como fala Brant (1993, pag. 70):

“Nesse contexto de déficit do Estado, ressurgem a família e a comunidade”.

É, pois, a sociedade civil que se torna protagonista das atenções e serviços destinados às camadas populares, cenário da ação de pessoas que, envoltas em espírito de solidariedade, doação, servir..., tornam-se agentes do acesso aos bens e direitos negados àqueles.

A nossa preocupação foi a de estudar a Ação Voluntária no Brasil e, no nosso entender, ela não pode ser efetuada senão através do estudo da Igreja Católica e outros religiões, do estado e da sociedade civil via associações, lideranças, iniciativas individuais, de uma cultura de caridade e da pessoalização, de uma tradição social-democrata, onde ajudar o outro é obrigação cívica e evocação do altruísmo e da boa vontade.

Dedicamos mais atenção à Igreja Católica pelo fato de ter sido e ainda representar papel de grande peso na formação da consciência da participação e engajamento ao qual o cristão é convidado.

Cabe ressaltar que o veio de voluntários com os quais nos deparamos mais comumente vivem e se engajam nesse trabalho devido as influências e orientações dessa mesma Igreja.

O próximo item será dedicado à análise de algumas dessas orientações, as quais apresentam efetivo rebatimento sobre a ação desenvolvida pelo Voluntário com quem nos deparamos em nosso campo de estágio.

1.2 Os leigos na Igreja

O Trabalho Voluntário nasceu e desenvolveu-se sob os cuidados da religião e, durante mais de três séculos, esteve sob o monopólio quase que exclusivo da Igreja Católica e, com uma certa diversificação, com as Igrejas Protestantes e grupos Espíritas.

Até os nossos dias, a Igreja continua sendo forte construtora de Obras Sociais (asilos, orfanatos, albergues, etc.). Como fonte de sustentação a estas encontramos as Igrejas, doações e o Estado. Logo, é a continuação da já conhecida parceria entre Igreja/Estado na prestação dos serviços de assistência à população.

A Igreja, como instituição sem fins lucrativos, através da história, traz na doutrina social um ideal de compromisso de cada cristão que deve ser assumido enquanto Ser no mundo.

A Doutrina Social Cristã é definida como sendo:

“corpo social de princípios fundamentais de uma sistema social à luz do cristianismo” (Schweitzer, 1967, pag. 5).

É o que existe de sistematização aos princípios da moral social aplicada à vida social.

O ensino da Doutrina Social Cristã é exercido pelo Papa, Bispos, Padres e todo o clero. Chegam até nós através dos chamados “Documentos Pontíficos”, documentos das Congregações Romanas e nos Documentos de Bispos e Sínodos. Os Documentos Pontíficos mais conhecidos por nós, são as Encíclicas Papais, por tratarem mais precisamente das questões sociais.

A pedra angular de toda a Doutrina Social da Igreja foi a Encíclica “Rerum Novarum”, promulgada pelo Papa Leão XIII a 15 de maio de 1891. Essa Encíclica unificou e oficializou o pensamento Social Católico; tratava da condição dos Trabalhadores Operários.

Desde então, a Doutrina Social Cristã entrou em plena expansão, acompanhando de perto os passos da história até os nossos dias, alcançando grande repercussão.

Para efeito desse estudo, analisaremos alguns documentos oficiais da Igreja, a fim de fundamentar suas orientações aos Leigos. São eles: Ubi Arcano Dei (1922), Concílio Vaticano II, Puebla (México 1979), Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (CNBB), Divini Redemptoris de 1937 e Christifideles Laicis (João Paulo II, 1992) pelas orientações que neles constam no tocante à Missão do Leigo.

Ao promulgar a Encíclica Ubi Arcano Dei, a 23 de dezembro de 1922, Pio XI lança a idéia da Ação Católica, chamando os fiéis para que assumissem seu papel ativo dentro da Igreja e definindo-a como sendo:

“ a participação dos leigos organizados... no estabelecimento do reino Universal de Jesus Cristo”(Havana op. Cit.Lima, 1982, pag. 34).

A organização da Liga Eleitoral Católica (LEC), em 1933, idealizada pelo então Cardeal Dom Leme, tinha como objetivo a orientação aos católicos para que dessem seus votos aos candidatos que defendessem os interesses e reivindicações católicas, tais como: a indissolubilidade do casamento e o ensino religioso facultativo nas escolas na Assembléia Constituinte.

Desempenhou importante papel a Ação Católica, movimento de colaboração dos leigos no apostolado da Igreja, com a missão de evangelização, orientação dos católicos e reconstrução da sociedade, sem contudo participarem da política partidária enquanto movimento e não podendo, também, comprometer-se com nenhum destes.

Essa preocupação podia ser encontrada em 1942, numa circular dos arcebispos e bispos, onde preconizavam a instalação da Ação Católica em todas as paróquias, como sendo “questão de zelo e obediência obrigatória e não facultativa”. (Aguiar, 1991, pag.24).

Era a Igreja que se preocupava com a recristianização, e incumbia o Leigo dessa missão, através de ações mais coerentes e organizadas. Da organização do

Laicato, surgem grupos, associações que organizam cursos, semanas de estudos com o intuito de formar aqueles que integravam seus quadros.

O próprio CEAS - Centro de Estudos e Ação Social nasce com a finalidade básica de *“estudo e difusão da doutrina social da igreja e a ação social dentro da mesma diretriz”* (Yasbeck apud Aguiar, 1991, pag.29).

Na pastoral da Igreja (1932), a Ação Social, ou seja, o Cristão, a partir das orientações do Evangelho, deveria trabalhar na promoção e libertação da pessoa humana. É uma função sacramental, onde o cristão a partir dos sacramentos, como, por exemplo, o batismo, assumirá sua vocação plena que é a de servir.

O cristão é convidado a exercer a caridade seguindo as seguintes orientações:

- caridade oportuna, é perceber a necessidade na hora em que ela se apresenta.
- caridade eficaz - é aquela que não se contenta com boas intenções, vai até o fim na resolução dos problemas dos necessitados;
- caridade sem reservas - é levar a caridade às últimas consequências e Cristo é apresentado como exemplo;
- caridade desinteressada - é fazer o bem servir sem esperar nada em troca.(Paulo VI, 1972, pag.5).

A CNBB, ao apresentar as Diretrizes Pastorais para o biênio 75/76, propunha uma ação pastoral inspirada na missão de Cristo e de sua Igreja: *“é aí que se encontra uma fonte permanente de diretrizes e princípios”* (Documentos da CNBB,1975, pag.7).

Nesse Documento, o Leigo/Cristão, mais uma vez, é chamado a assumir seu papel *“próprio e insubstituível para o crescimento do corpo de cristo; à tornarem a Igreja presente e atuante nos lugares e circunstâncias onde apenas através dela pode chegar o sal da terra”*. (ibidem:39). É a vocação batismal do cristão que deveria ser assumida na Igreja daquele momento.

O Cristão/Leigo é chamado à responsabilidade na edificação da Igreja, colocando-se a serviço dela, de acordo com os dons que recebeu e com as funções que lhe eram confiadas.

Já, nas Diretrizes Gerais da CNBB, previstas para o período 79/82, os Leigos eram identificados como membros da Igreja fiéis a Cristo e comprometidos na construção do reino de Deus. O Documento reconhece a necessidade de incentivo, da formação doutrinal, social e apostólica.

A participação do Laicato deve ser no âmbito da execução e das decisões quanto ao planejamento da pastoral e sua articulação a nível nacional via CNL - Conselho Nacional de Leigos, que tem como lema: “Leigos organizados = Leigos Evangelizados”.

Em Puebla, no México, a Conferência Episcopal, retomando o Concílio Vaticano II e Medellín, afirma em todas as atividades a presença do Leigo, na busca da promoção do bem comum, na defesa da dignidade dos mais fracos e necessitados, na construção da paz, da liberdade, da justiça e na criação de uma sociedade mais justa e fraterna.

Mais recentemente, o Papa João Paulo II, na *Christifideles Laici* de 1992, apresentava a seguinte caracterização do Leigo:

- Pertencem à Igreja e a seu ministério (nº.8).
- São os co-responsáveis pela missão da Igreja (nº.15).
- Os Leigos são a Igreja (nº.9).
- Fazem parte do povo de Deus (nº.14).

No referido Documento, o Papa retoma Pio XII que dizia:

“Os fiéis, e mais propriamente os leigos, encontram-se na linha mais avançada da vida da Igreja; para eles, a Igreja é o princípio vital da sociedade humana. Por isso, eles,... são a Igreja...”(pg.26).

Além disso, convida o Leigo, na lógica da doação, a utilizar seus dons, direta ou indiretamente, na edificação da Igreja, a bem dos homens e às necessidades

das mundo. Os fiéis Leigos são convidados a participar de conselhos pastorais diocesanos, das paróquias, enfim, mais uma vez, o Leigo/cristão é convidado a se engajar em grupos, organizações ou movimentos, a fim de realizar sua missão de solidariedade, de doação:

“Os fiéis podem livremente fundar e dirigir associações para fins de caridade ou piedade, ou para fomentar a vocação cristã no mundo, e reunir-se para alcançar em comum esses mesmos fins” (sobre o Apostolado dos leigos, apud Christifideles Laicis, 1992, pag.72).

É nesse contexto que apareceram, sobretudo nas sociedades organizadas, as diversas formas de voluntariado, que se traduzem nas mais diversas e variadas formas de serviços e obras.

Para João Paulo II *“o voluntariado deve ser visto como sendo uma importante expressão de apostolado, onde os fiéis leigos, homens e mulheres, desempenham um papel de primeiro plano”* (ibid. pag.107).

Neste documento, o Cristão/Leigo é convidado a realizar ações que combatam a violência, a opressão, a segregação e que lutem em favor da verdade, da liberdade, da justiça e da caridade, desenvolvendo a cultura da solidariedade em todos os níveis. Tal solidariedade *“é caminho para a paz e simultaneamente para o progresso”*. (ibidem:10).

É com o Voluntário, nascido e gerado sob essas orientações que vamos nos deparar no campo de estágio. Ao fazermos alusão a algumas dessas orientações, objetivamos atingir uma efetiva compreensão, a fim de analisar o rebatimento que tais orientações tiveram na Ação Voluntária, mais precisamente na pessoa do voluntário, e como este irá pautar suas ações junto às diversas atividades e entidades onde atua. É sobre esse Voluntário que falaremos no próximo item deste capítulo.

1.3 - Falando sobre o voluntário

Como pudemos perceber no primeiro item deste trabalho, as Organizações Sem Fins Lucrativos nascem e transitam num terreno para-estatal após os anos 30, e se apresentam como ponto de partida para a inclusão dos setores marginalizados no acesso aos serviços sociais básicos assumindo as controvérsias da intervenção social.

No Brasil, essas entidades “*não aparecem como uma única categoria, mas antes em uma área misturada e confusa, ocupada por tipos diferentes de agentes, com diversos propósitos*”. (Di Maggio e Anheier op. cit Landim, 1933, pag. 41).

Essas entidades, organizações e associações sem fins lucrativos de todo o tipo, comunitárias, de pais e mestres, de associações de moradores, em defesa da mulher, do negro, etc, apresentam, no nosso entender, um ideal de construção de um tipo de sociedade civil, com uma cidadania ativa, que visa a realização da pessoa e de seus direitos, através de uma ética que supere os preconceitos, a discriminação, a dominação e que cresça e se multiplique um modelo de sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, após termos estudado as Organizações Voluntárias e como se configuraram no decorrer da história, fica bem claro que se desenvolvem quando o Estado, o Governo não são mais expressão do acesso aos bens e serviços da população, ficando esse setor entregue aos cuidados dessas organizações que têm sido, como fala o Assistente Social Egbert:

“... a ponta da lança da mudança social e de caminhos abertos ...” (Debates Sociais/CBCISS, 1982:36).

A Ação Voluntária não é um fenômeno tão somente da atualidade. A sociedade já vive sob os resultados dessa ação desde muito, ação que tem sido conseqüência de uma idéia surgida com alguém, em algum lugar e pela Igreja que, com o advento do cristianismo, e na figura de Jesus Cristo modelo de doação e ação a

serviço dos outros, teve seu esforço individual resultando em benefícios para muitos, ou seja, para uma realização coletiva.

Esse Voluntariado Cristão continua a fazer a história e a viver a caridade nas ações espontâneas, livres, gratuitas, desinteressadas, sendo uma testemunha da mensagem do evangelho, do amor, da doação, e à espera da recompensa eterna. Esse Voluntário vai pautar suas ações na construção da cidadania, de novos sujeitos e, neste caso, proporcionar atividades e reflexões que partam de suas necessidades e conhecimentos, valorizando-o e tornando-o um participante ativo.

Em outros países, como é o caso de Barcelona, o Voluntariado Social já se constitui como uma associação. É o caso de Sabadell, que em 1992, comemorou 150 anos de Associações, com um total de 137 entidade agrupadas em 22 classes de atividades, dentre as quais o Voluntariado Social.

Contudo, sendo o voluntário elemento responsável e, no nosso entender, diante da conjuntura atual, indispensáveis na construção e no acesso de grande parcela da população aos serviços sociais, pelo trabalho social, tem sido definido das mais diferentes maneiras. Citaremos algumas a título de ilustração, pois nosso objetivo não é conceituar, mas, sim, entender como essa ação acontece.

“É aquele que age por livre e espontânea vontade, sem coação”

(Eduardo Lindeman apud Batista, 1968)

“É o jovem ou adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte de seu tempo, sem retribuição alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem-estar social ou outros campos”.

Organização das Nações Unidas (ibidem Batista, 1968)

“É uma pessoa que assume de maneira não compulsória e não remunerada, suas obrigações de cidadania”.

“É uma pessoa que assume de maneira não compulsória e não remunerada, suas obrigações de cidadania”.

(Nathan E.Cohen, 1960, pag.11)

Entendemos que o voluntário é toda e qualquer pessoa que, sensibilizada com os problemas sociais, se compromete, de forma gratuita, e dedica parte de seu tempo livre a serviço de grupos, comunidade e outros segmentos da sociedade onde vive.

A Cáritas⁸, organismo ligado à Igreja Católica, que tem como objetivos a promoção, orientação das Ações Sociais, e conscientização das comunidades para a solidariedade nas emergências naturais e sociais pode ser encontrada em várias cidades do nosso país, e assim define voluntário:

“É uma pessoa sensível e socialmente engajada que faz opção por uma ação social gratuita, caracterizada pela solidariedade como expressão de um conceito de vida mais coletivo e comunitário”.(Informativo Cáritas, 1995: 3).

Os motivos que levam o Voluntário ao engajamento são das mais diversificadas ordens, a inspiração religiosa, a civil, a individual ou a grupal, comunitária ou humanitária, mas sabe-se que acredita no ser humano, e tem como elemento comum a gratuidade, a integração e a partilha dos bens sociais. Ao desenvolver suas atividades, estas serão pautadas na sua visão de homem e de mundo, na ideologia política, no referencial religioso ou na formação técnico-científica que tenha recebido no decorrer de sua trajetória como Voluntário.

⁸ Cáritas é uma organização da Igreja Católica Apostólica Romana de âmbito Internacional e no Brasil faz parte da CNBB e atua nas Dioceses e Paróquias; desenvolve programas sociais com a colaboração do Voluntário nas seguintes áreas: Crianças e Adolescentes, Meninos de Rua, Idosos, Mulher Marginalizada, Portadores do HIV, na Formação de lideranças, Cultura e comunicação popular, Oficinas, Cooperativas e Micro-empresa, Medicina alternativa, Artesanato, Comercialização e Integração de 700 refugiados vindos de 30 países. (Informativo CÁRITAS, janeiro/fevereiro 1995:6).

Vamos encontrá-lo atuando na prestação de serviços sociais, que já tratamos anteriormente; sua ação, entretanto, não dispensa a do Governo, do Estado, é expressão política eficaz no contexto da situação estrutural. Embora atue em nome da sociedade civil, mas não o faz como política partidária, mas como política social, de todos para o bem de todos.

Suas ações são desenvolvidas em diversos momentos:

- na doação de suas capacidade e de seu tempo a serviço de causas sociais;
- nas situações de marginalidade, onde se encontram milhares de pessoas;
- na luta, crítica e consciente, para mudar a realidade social, tornando-a mais humana;
- como denunciador e anunciador na transformação da sociedade.(ibidem, pag.3).

Podem atuar como Voluntários pessoas, jovens, adultos, idosos independente de idade, credo, raça, preparação cultural ou condição social. Para tanto, é necessário que esteja movido pelo desejo de trabalhar como agente de transformação da realidade. Aceitar essa atividade supõe: aceitar responsabilidades, desenvolver ações em benefício de outros ou da sociedade em geral, não visar interesse econômico.

Para desenvolver atividades como voluntário que atua no social , as características elencadas pelo Manual da Cáritas (apud Informativo Cáritas, pag.4), são as seguintes:

- Ser uma pessoa de fé, optar pelos pobres e excluídos.
- Ser membro ativo da comunidade cristã.
- Desenvolver ações caritativas e sociais.
- Viver a caridade.
- Acolher as pessoas.
- Conhecer seus limites e possibilidades.
- Colaborar com o trabalho social

Como pudemos perceber, atuar como voluntário no social requer algo mais do que apenas boa vontade. Requer competência e capacidade para o trabalho social;

desenvolvimento das atividades propostas. Cabe ressaltar, que este processo de formação deverá ser contínuo, e com constantes reciclagens.

Por estarmos ligadas a uma instituição de caráter religioso, achamos, por bem, constar deste trabalho os direitos e deveres do Voluntário, segundo o Manual da Cáritas.

“ São direitos:

1. Ser informado sobre as finalidades e a organização da instituição .
2. Receber uma formação adequada para executar a atividades que vai realizar.
3. Receber todo o apoio necessário no seu trabalho.
4. Participar da elaboração e avaliação dos projetos.
5. Assumir só as tarefas e responsabilidades que respondem à sua preparação e competência.

São considerados Deveres:

1. Aceitar os estatutos da Instituição e as normas que regem o trabalho voluntário.
2. Preparar-se para desenvolver adequadamente seu trabalho.
3. Respeitar os compromissos assumidos.
4. Ser atento, responsável e solidário.
5. Não ser partidário e autoritário.
6. Apresentar disposição para trabalhar em equipe.
7. Respeitar o caráter confidencial e reservado das informações recebidas na realização do trabalho voluntário”. (ibidem, pag. 5).

O Voluntário é chamado a ser agente de transformação de seu próprio desenvolvimento, do lugar onde reside, na luta pelos direitos humanos, dando seu testemunho de caridade, de fidelidade, de compromisso com aqueles que dele necessitam.

testemunho de caridade, de fidelidade, de compromisso com aqueles que dele necessitam.

É o voluntário que permanece no desenvolvimento dessas atividades, pautando suas ações, como já nos referimos anteriormente nas orientações da Igreja Católica, no seu dever de ajudar, de se dedicar sendo necessário um avanço destas práticas.

É imprescindível formar um voluntário mais consciente, atuante, engajado, que contribua de maneira mais ampla, crítica, atualizada, na implantação de projetos direcionados à valorização do ser humano, à conquista da cidadania, dos direitos, da participação e, por fim, à construção de uma ação transformadora.

No próximo capítulo, situaremos a instituição campo de estágio e as orientações que propiciou aos Voluntários atuantes em seus programas.

2.1 A Ação Social Arquidiocesana

CAPÍTULO II

A AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA E O TRABALHO COM VOLUNTÁRIOS

A Ação Social Arquidiocesana -ASA foi fundada a 17 de novembro de 1960, e adquiriu personalidade jurídica em 17 de novembro de 1966.

A ASA é uma entidade sem fins lucrativos vinculada a Arquidiocese de Florianópolis/SC, e nasceu com os seguintes objetivos:

- Realizar estudos sobre os problemas de assistência social, de educação de base e de promoção humana;
- Colaborar na formação da consciência particular e pública, para que no ambiente social vigorem a solidariedade e fraternidade humana, a justiça social, e sobretudo, a caridade cristã;
- Planejar e promover a ação conjunta de obras e movimentos que visem a assistência e a promoção humana;
- Providenciar e promover campanhas junto à comunidade local, que visem a obtenção de recursos materiais e humanos para seus programas normais ou para o atendimento de catástrofes;
- Divulgar os trabalhos da Igreja no campo social e educativo.

Com o intuito de atender aos objetivos propostos, a ASA definiu sua ação mediante a coordenação de todas as Obras Sociais da Arquidiocese e ela filiadas.

A Arquidiocese de Florianópolis foi criada em 17.01.27 pela Bula “Inter praecipuas” do então Papa Pio XI. Está situada geograficamente na parte central do estado de Santa Catarina, e abrange 33 municípios, sendo formado por 08 Comarcas⁹ e 57 paróquias.

Desde sua fundação, a Ação Social Arquidiocesana passou por três fases de atuação que marcaram sua história.

Na primeira fase, que compreende o período de 1966 a 1969, mantinha estreita ligação com a Cáritas Brasileira, organização da Igreja Católica Apostólica Romana de âmbito internacional, que, no Brasil, faz parte da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), funcionando, na oportunidade como escritório da

⁹ “Por Comarcas, entende-se uma área pastoral formada por um certo número de paróquias, sendo que, por Paróquia, entende-se uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja Particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao Pároco, com a autoridade do Bispo Arquidiocesano”. (CDC Cân.515-1, 11o.Plano Arquidiocesano de Pastoral, 1989-1992, pag.11).

mesma. Além disso recebia alimentos provenientes do Programa Aliança para o Progresso, repassados às Obras Sociais.

Nas palavras de Aguiar este programa:

“era uma proposta de país capitalista, voltado principalmente para as garantias políticas, consideradas como elementos indispensáveis à manutenção e expansão do poderio econômico Ocidental”(1991:43).

Os Estados Unidos, temendo o avanço e o crescimento do comunismo que nasce após a Revolução Cubana, realiza projetos para diminuir a miséria, voltando-se para os países subdesenvolvidos.

Ainda nesse período, a instituição ASA firma convênio com a Legião Brasileira de Assistência -LBA, que oferecia recursos para a manutenção dos cursos de educação de base. Sendo assim, foram criados grupos sociais nas Obras Sociais Filiadas à ASA para o desenvolvimento dos referidos cursos. Nessa ocasião abre-se espaço para a atuação de Assistentes Sociais e Estagiárias da Faculdade de Serviço Social, atuando nos quadros de funcionários, representando elementos de grande importância para os trabalhos executados nas Paróquias da Arquidiocese. Além do mais, a instituição foi a primeira a implantar campo de estágio para a Faculdade de Serviço Social, chegando a atingir o número de seis (6) a sete (7) profissionais, com mais de vinte (20) Estagiários atuando. Esse quadro permaneceu até o ano de 1977.

Na oportunidade, identificava-se uma ação totalmente voltada para o assistencialismo, e conforme palavras do Pe. Afonso Emmendoeffer, *“Era proibido fazer promoção humana, tendo havido por ocasião do Programa Aliança para o Progresso, pois se tentava fazer um trabalho de cunho promocional junto às comunidades”*.(ASA : Relatório Anual, 1989)

Em sua segunda fase, relativa ao período de 1969 a 1977, destacamos sua ação mais voltada à promoção humana, caracterizando-se, também, por trabalhos de rotina. Há uma preocupação com as Obras Sociais Filiadas, a fim de que adquiram personalidade jurídica, bem como possam ser emitidos relatórios, prestação de contas,

Para o desenvolvimento de suas atividades, é firmado convênio com a Misereor- Zentralstelle da Alemanha, entidade jurídica com fins filantrópicos, constituída por fundos públicos que o Governo da República Federal da Alemanha coloca à disposição e financia projetos de desenvolvimento social e mini-projetos alternativos para países do Terceiro Mundo. Esse convênio é renovado de três/três anos, com prestação de contas e apresentação de relatórios semestrais das atividades desenvolvidas. A Zentralstelle é mantida com 60% de contribuições do governo via contribuições e encargos e 50% por doações.

Além dessa entidade mantenedora, a ASA conta com a complementação de custos efetuada pela Mitra Arquidiocesana de Florianópolis. Cabe ressaltar que para o desenvolvimento de ações específicas como por exemplo treinamento com voluntários da Ação Gerontológica, são firmados convênios com outras entidades: Fundação Banco do Brasil, LBA, etc.

Durante o período de 69-77, o papel da instituição é de coordenadora de Obras Sociais Filiadas. Continua sendo campo de Estágio para alunas da Faculdade de Serviço Social, enfatizando-se, no trabalho as visitas, reuniões, encontros com as Obras Sociais Filiadas, consolidando-se as ações anteriores e estabelecendo-se uma rotina de trabalho.

O destaque desse período é o projeto que se iniciou em 1975, de atuação nas CEBs - Comunidades Eclesiais de Base e o projeto "Mensageiro da Caridade" e no Sub-Projeto de Atendimento a Grupos, onde vamos encontrar o primeiro Grupo de Velhinhos, representando o início de uma atividade que permanece até a atualidade.

A partir de 1977, ocorre o que se considera a terceira fase, caracterizada por ações de transformação no que se refere ao papel da ASA como o de Evangelizar as comunidades, preferencialmente onde se encontra o povo em processo de empobrecimento, priorizando a formação, organização comunitária, acompanhamento e apoio às crianças de rua e de periferia. Há uma orientação maior para a consolidação jurídica das Obras Sociais, e os convênios com a LBA são efetuadas via essas Obras. Nesse momento, a instituição passa a assessorar as Obras, havendo uma relação de autonomia, pois se concretiza a parte jurídica. Essa assessoria passa a ser fundamental no reforço as organizações populares.

autonomia, pois se concretiza a parte jurídica. Essa assessoria passa a ser fundamental no reforço as organizações populares.

A idéia de uma abertura para um trabalho transformador foi se desenvolvendo e alternando seu papel junto as Obras Sociais:

- Reforço às organizações populares, integração com outros setores da Pastoral Social e preocupação na busca de novas lideranças;
- apoio ao trabalho de organização de meninos e meninas das comunidades de periferia de Florianópolis;
- implementação de assessoria aos Grupos de Idosos das Ações Sociais;
- coordenação de mini-projetos da Arquidiocese;
- incentivo para a área de produção e abastecimento, bem como são desencadeadas ações alternativas na área da saúde, com prioridade para o caráter preventivo.

As ações desenvolvidas neste período, que compreende 77 ao final dos anos 80, fundamentam-se na busca da construção de novas relações sociais que privilegiem a justiça e a vida.

A década de 90 é essencialmente marcada por um novo quadro na educação dos direitos, que inclui a participação popular, e propõe a ruptura com a passividade relativa às questões que devem envolver o conjunto da sociedade.

Em 1992, o Plano de Ação da ASA apresentava atendimento à Trinta e Duas (32) Obras Sociais Filiadas, vinculadas a seis (06) Programas, aos quais se realizavam acompanhamento sistemático. Nessa ocasião, são consideradas ações prioritárias: Crianças, Adolescentes, Idosos. A atuação era efetuada, também, junto aos programas de atendimento às comunidades de periferia, a fim de refletir a prática educativa e dinamizar o trabalho.

Além disso, a instituição participa no âmbito político em Conselhos Estadual e Municipal, com o objetivo de propor, subsidiar e definir políticas básicas para os segmentos anteriormente citados no município de Florianópolis e Estado de Santa Catarina.

Dentro desse panorama, as ações desenvolvidas pela ASA nos possibilitam caracterizá-la como entidade comprometida com a mudança da estrutura brasileira e

expressa através da intervenção direta junto aos Conselhos paritários de Saúde, Criança e Adolescente, Idosos e Assistência Social.

Além disso, vem-se constituindo como espaço privilegiado de articulação de suas ações.

Os mini-projetos aos quais nos referimos em parágrafos anteriores são implantados em diversas comunidades e visam buscar e proporcionar alternativas de abastecimento, como, por exemplo, a criação de uma cooperativa que beneficia atualmente treze (13) comunidades de periferia através dos armazéns comunitários.

Da mesma forma, é prestada assessoria a sete (07) programas comunitários de atendimento à Criança e ao Adolescente, dando-se ênfase à superação de práticas pedagógicas assistencialistas e conservadoras, substituídas por uma prática que os considere agentes do processo de ensino-aprendizagem.

Cabe ressaltar que além de se constituir em espaço de organização na conquista dos direitos não adquiridos ou não consolidados, atua-se, também, via Agentes de Pastoral da Saúde, na ampliação do uso de tratamento alternativo e ervas medicinais.

A atuação da ASA volta-se, também, para as ações integradas junto aos segmentos da sociedade, especialmente movimentos populares, além de:

- contribuir na formação de novos grupos de trabalho, conforme a necessidade e levantamento prévio da realidade;
- interferir, propor e formular políticas públicas e fomentar a participação dos vários segmentos da Arquidiocese para assegurar direitos conquistados;
- contribuir para a evangelização das comunidades, por meio de práticas concretas na busca constante e permanente da efetividade da cidadania;
- reciclar e atualizar os agentes envolvidos, promovendo formação sistemática e continuada.

Destacam-se, também, as inúmeras pessoas e comunidades envolvidas nessas ações nas quais a instituição garantiu a realização de várias atividades de organização, mobilização, participação, acompanhamento e assessoria.

A estrutura organizativa da ASA é assim constituída:

Presidente: Dom Eusébio Oscar Scheid

Diretor Arquidiocesano: Pe. Valdir Prim

Diretor Secretário: Enio de O. Matos

Diretor Financeiro: Maurício A. Matos

As ações são desenvolvidas por uma Equipe Executiva, interdisciplinar formada pelos seguintes profissionais e estagiários:

Coordenadora- Sandra Schlischting

Assistente Social - Darlene M. Silveira

Assistente Social - Vera Nícia Araújo de Miranda Gomes

Enfermeira- Teresa Cristina Gaio

Auxiliar de escritório-Marlete Angelina de Souza

Agente de Pastoral- Roberto Iunskovski

Estagiárias do Curso de Serviço Social da UFSC: Rita C.Werner, Marlene Michelin e Véra Inêz Gauer Nilsson.

Ao efetuar planejamento para o ano em curso do qual tivemos a oportunidade de participar, foram definidas as seguintes áreas onde serão concentradas as ações da equipe.

Áreas específicas: Produção e abastecimento, Criança e Adolescente, Ações Sociais (Idoso) e Pastoral da Saúde.

Organização das comunidades.

Participação em Conselhos e Fóruns.

Mini-Projetos e outras atividades, de modo que, o trabalho que a Equipe vem desenvolvendo seja mais eficiente, coordenado, e que esta se torne um corpo que discute e implementa as decisões conjuntamente.

É no desenvolvimento e implantação desses projetos e ações que se inscreve a atuação da Ação Social Arquidiocesana na atualidade, fortalecendo grupos e Entidades e participando na transformação de sua realidade.

2.2 O trabalho com Voluntários na Ação Social Arquidiocesana

A Ação Social Arquidiocesana (ASA) de Florianópolis, desde o início de suas atividades, sempre contou com a efetiva atuação do voluntário, que era chamado para o trabalho junto às Obras Sociais, através da divulgação em missas, reuniões, ou era o mesmo que quando sabia da necessidade, se dirigia ao escritório da entidade, oferecendo seus préstimos, a fim de colaborar nas atividades desenvolvidas pela instituição.

A ASA, no desenvolvimento de seu papel de coordenação e assessoria à Obras Sociais a ela filiadas, e face ao considerável número de pessoas que atuavam como voluntários, nem todos com nível cultural e preparo técnico para atuar satisfatoriamente nessas obras, propicia-lhes treinamentos.

Este ocorre através do Programa de “Capacitação de Recursos Humanos”, treinamentos às lideranças para que houvesse uma participação mais significativa nos projetos desenvolvidos nas bases: Grupos Sociais (de jovens e adolescentes, de Mães, de Gestantes e Educação de Base), Promoção do Bem-estar do Menor (Jardim de Infância e Pré-primário). Os voluntários eram os elementos responsáveis pela execução do trabalho social, razão pela qual é, então, sentida, por parte dos voluntários e da equipe da ASA a necessidade de constante aperfeiçoamento em relação às funções específicas, considerando-se a complexidade das ações que desenvolviam e da própria promoção social, enfatizada naquele momento.

Por consequência, o primeiro Curso de Treinamento acontece no ano de 1967, e foi efetuado para voluntários que atuavam no desenvolvimento de comunidade, que era a tônica do momento.

Já em 1968, a ASA, ao elaborar seu Plano de Ação, divide-o em setores, sendo um deles o “Setor de Voluntários”, que se definia da seguinte forma:

“ Como o trabalho da Ação Social Arquidiocesana e por conseguinte o da Ação Social Paroquial, está baseado na contribuição do Voluntário, a finalidade deste setor será: recrutar, selecionar, treinar e supervisionar os colaboradores voluntários “. (ASA, Plano de Trabalho: 1968)

A partir de então, a instituição passa a desenvolver, anualmente, treinamentos para melhor desempenho de suas funções. Foram promovidos, com ênfase na transmissão de conhecimentos, que norteavam a prática das relações humanas e o emprego de técnicas e métodos da educação informal, de modo que se produzissem mudanças nas atitudes da comunidade. Treinavam-se duas categorias:

- as Equipes Diretora e Executiva das Obras Sociais Filiadas, leigos ou religiosos;
- os Grupos e membros de comunidade em geral.

Para tanto, o Programa de Capacitação de Recursos Humanos visava: proporcionar às Equipes e Obras sociais filiadas o desenvolvimento pessoal e a capacitação para o trabalho da Ação Social, de acordo com a função e o papel que desempenhavam, bem como, intensificar a motivação e o engajamento nas Obras sociais.

Esse Programa era alicerçado no postulado da perfectibilidade humana, expressa na fé e nas potencialidades naturais do ser humano.

Nos cursos ministrados aos professores de jardim de infância e aos orientadores de Grupos Sociais, eram enfatizados o amor, a doação e o altruísmo, onde a caridade organizada era o espírito de serviço prestado às pessoas e à comunidade. O trabalho a ser efetuado deveria possibilitar a promoção humana integral, com entusiasmo e em relação de comunhão consigo, com os irmãos e com Deus. Deveria elevar o homem a ser sempre mais aquilo que deveria ser, fazê-lo crescer material, moral e espiritualmente, sensibilizando-o para o outro. Era o *“desenvolvimento do homem todo e de todos os homens”*. (Papa Paulo VI)

Além disso, procurava, através dos treinamentos, alcançar cada vez mais os princípios da Doutrina Social que tinha como finalidade a promoção humana global, numa filosofia particular de implantar o mandamento da caridade de modo organizado.

Em 1971, a instituição estabeleceu como prioridade os seguintes programas:

- Assessoria às Obras Sociais Filiadas;
- Cadastramento de Obras;
- Estudo do Pessoal Voluntário, e
- Treinamento de Pessoal.

Nessa ocasião, ao estudar o pessoal voluntário os objetivos eram os de verificar, mobilizar recursos disponíveis, motivando-os e engajando-os nos programas de desenvolvimento de comunidade, e elaborar fichário de todos os voluntários que atuavam em Obras Sociais Filiadas.

A pesquisa daquela ocasião demonstrou que “4,2% dos voluntários eram analfabetos, 61,6% haviam cursado o 1º Grau, 30,8% o 2º Grau e somente 3,4% possuíam o curso superior, com profissões diversificadas, sendo de maior incidência as Do lar, com 41%, e Aposentados com um total percentual de 13,8% respectivamente”(Blömer, 1975:18). Esses voluntários atuavam nos seguintes grupos: de jovens, de mães, de gestantes e de professores de jardim de infância.

Segundo consta dos relatórios da ASA, de 75:

“ os orientadores voluntários que participavam de treinamentos realizados adquiriam mais motivação e se sentiam mais seguros no desempenho de suas funções no grupo que orientavam, bem como, proporcionava aos mesmo, desenvolvimento e capacitação para os trabalhos de Ação Social”.

Desses orientadores voluntários que atuavam com os grupos anteriormente elencados, mais tarde saem pessoas para trabalhar nas atividades dos Grupos de Idosos.

O primeiro Grupo de Idosos que nasce ligado à Igreja Católica de Florianópolis é o Santana, e pertence à Ação Social Paroquial São Luiz, bairro da Agrônômica, o mesmo iniciou suas atividades no ano de 1972 , e contava com vinte e cinco idosos.O mesmo grupo em 76, denominado "Grupo de Velhinhos", e contava com a participação de Trinta e Dois Idosos. Nessa ocasião, os grupos de idosos faziam parte do Sub-Projeto de Atendimento a Grupos, que objetivavam oportunizar às pessoas desenvolvimento de habilidades e vivência grupal..

Em 1978, podíamos encontrar um total de 20 grupos dos quais participavam um total de 369 Idosos. Já, em 1981, conforme relatório da ASA vinculado ao Programa de Nº 2 “Capacitação de Recursos Humanos”, são efetuados treinamentos

pela LBA para as Obras Sociais, os quais visavam uma maior eficiência e eficácia nos trabalhos desenvolvidos nas bases. Esse treinamento de Recursos Humanos na Área do Idoso aconteceu nos dias 13 e 14 de agosto de 1981.

As ações desencadeadas junto aos grupos de Idosos tinham como objetivo proporcionar ao “ *Ancião horas agradáveis de lazer, orientação, em suma, prevenir sua marginalização na família e na sociedade*” (ASA, Relatório Anual, 1981: 9).

Em 1978, dando ênfase ao trabalho de assessoria e animação às Ações Sociais, na busca de cumprir sua missão que era a de “*animar o serviço fraterno, promocional e eficaz*” (Relatório ASA, 1987, Plano 1988, a ASA realiza treinamento com os Voluntários e Coordenadores dos Grupos de Idosos, o qual contou com a participação de Cinquenta e Duas pessoas (52) e foi realizado na Casa Pe. Dehon na cidade de Brusque.

Nesse ano, foram atendidos Oitocentos e Vinte e Quatro (824) Idosos que participavam de vinte e três (23) grupos, sendo que o trabalho com Idosos faz parte do programa “Capacitação de Recursos Humanos” e não mais como parte de Sub-Projeto, como era anteriormente.

Também ocorreu nesse ano, como em alguns anteriores a “Comemoração da Semana do Idoso”, através de um intenso programa de atividades realizadas por dezesseis Obras Sociais Filiadas, e teve como objetivo a integração social do Idoso, seu bem-estar e a conscientização das comunidades para as suas necessidades de valorização e reconhecimento social. As atividades aconteceram no período de 21 à 19 de setembro, com o desenvolvimento de inúmeras atividades: passeios, bingos, excursões, palestras, etc. Com o pleno êxito deste encontro, no ano seguinte (1988) a Confraternização dos Idosos acontece em Santa Tereza (São José) e contou com a participação de 1.200 pessoas entre Idosos e Voluntários.

Além disso, o Serviço Social da instituição continuou a desenvolver reuniões, treinamentos e orientações, incentivando, capacitando e motivando para o surgimento de novos grupos.

Em 1989, a ASA faz a fusão dos Programas de Assessoria a Obras Sociais Filiadas e Capacitação de Recursos Humanos pois a Equipe Executiva chegou a conclusão de que os objetivos destes eram comuns. O trabalho com Idosos fica, então,

conclusão de que os objetivos destes eram comuns. O trabalho com Idosos fica, então, vinculado ao programa de Assessoria as Obras Sociais e os treinamentos para Voluntários que atuavam junto aos grupos, ao programa de “Formação de Lideranças”.

Paulatinamente, são efetuadas visitas e acompanhamento às Obras Sociais Filiadas, com avaliação dos trabalhos desenvolvidos, reflexão das atividades e o novo programa é apresentado a essas.

No tocante à Terceira Idade, a Assistente Social responsável pelo programa continua a efetuar reuniões e visitas aos grupos com a participação de 1.081 Idosos.

O programa de “Formação de Lideranças”, ao qual ficam vinculados os treinamentos realizados para os voluntários que atuam nas Obras Sociais Filiadas via Grupos de Idosos, de gestantes, de mães, etc, preconizavam a informação, capacitação e aperfeiçoamento dessas lideranças para que houvesse um maior engajamento nas questões sociais mais emergentes. As chamadas Lideranças Voluntárias representavam um total de 120 pessoas.

Os encontros de formação efetuados em 1991 aconteceram nas seguintes regiões:

- Região I: Ilhota, Navegantes, Itajaí(Fazenda), Guabiruba, Brusque (São Luiz Gonzaga e Santa Terezinha).

- Região II: Camboriú, Canelinha, São João Batista, Tijucas, Governador Celso Ramos, Biguaçu e São José.

- Região III: Santo Amaro da Imperatriz, São Pedro de Alcântara, Bom Jesus, Salto Imaruim e Campinas (São José), Forquilha, Palhoça, Escola Familiar Rural São José (Palhoça), Guarda do Cubatão, Ponte Imaruim e Aririú.

- Região IV: Estreito, Coqueiros, Agrônômica, Capoeiras, Saco Grande II, Prainha e Coloninha.

Cabe ressaltar que o trabalho de assessoria e coordenação à estas Obras Sociais era desenvolvido pelo Serviço Social com o apoio da Equipe Executiva e Administrativa.

Conforme o Plano de Ação da ASA para 1992, eram seis (06) os programas atendidos prioritamente: Obras Sociais Filiadas, Formação de Lideranças, Atividades

Em vista disso, constata-se o fortalecimento dos Grupos de Idosos, com a ampliação no número de grupos, levando os voluntários, em alguns casos, a fazer o desdobramento destes.

Com o surgimento de vários organismos, tais como: Conselho Estadual do Idoso, entre outros contribuiu para que houvesse por parte da instituição um maior envolvimento com a questão da Terceira Idade, prestando uma maior orientação aos voluntários, apoiando suas iniciativas e refletindo sobre o encaminhamento de suas ações. São efetuadas visitas, contatos, dinâmicas junto aos Grupos de idosos, refletindo temáticas referentes à saúde, convivência social e familiar, direitos e deveres da cidadania. Tais encontros contaram com a participação de Voluntários de Biguaçu, Agronômica, Capoeiras, Abraão, Santo Amaro da Imperatriz, Barreiros, Palhoça, Forquilha, Guabiruba, Brusque e Itajaí.

Nesse ano, também foi atualizado o cadastro dos Grupos de Idosos filiados à ASA, que contavam com a participação de 2000 Idosos distribuídos em 50 grupos.

Objetivando atender às demandas por parte do Voluntário e dos Grupos de Idosos na busca de subsídios teóricos e reflexivos da Terceira Idade, a ASA atende aos convites do Grupo de Estudos da Terceira Idade (GETI/UDESC) e da Comissão Municipal do Idoso, a fim de discutir, estudar e organizar eventos para a área do Idoso.

Além disso, na busca de oferecer um trabalho mais qualitativo e a valorização da pessoa Idosa, a instituição continuou a desenvolver treinamentos para os Voluntários que trabalham junto ao Idoso nos grupos e, em 93, conforme relatório, podia se perceber o grande entusiasmo por parte do voluntário quanto à sua participação em encontros, palestras e seminários, sempre buscando aprimorar sua formação, criando uma nova mentalidade e capacitação.

É também, constante a preocupação por parte da ASA em proporcionar ao voluntário uma formação no sentido de torná-lo mais seguro e preparado, oferecendo-lhes subsídios através de treinamentos. No Encontro de Voluntários, realizado na Ação social de Palhoça, foram discutidos os seguintes temas: Relacionamento do Voluntário com o Idoso, Espiritualidade do Idoso, Trabalhando o Corpo e a Afetividade, O Corpo e o Cotidiano, Processos de Envelhecimento e Prevenção. Desse encontro participaram um total de oitenta(80)voluntários e profissionais.

No ano de 1994, mais uma vez é dada ênfase a formação do Voluntariado. Os conteúdos repassados através dos treinamentos dedicavam especial atenção à atividade física, entretenimento, habilidades manuais, conhecimentos nas áreas da saúde, entre outros.

Em agosto do referido ano, realizamos levantamento sobre os grupos de Idosos onde se constatou a existência de quinze(15) grupos de Idosos, ligados às Ações Sociais de: Abraão, Estreito, Trindade, Agronômica, Saco Grande I, Ingleses, Capoeiras, Estreito e Balneário. Os mesmos contam com a participação de oitocentos e oitenta e seis(886) Idosos.

Dando continuidade à sua tarefa de assessoria às Ações Sociais, a ASA firma convênio com a LBA para a efetivação de treinamentos para Voluntários da Ação Gerontológica.

Tivemos a oportunidade de acompanhar o planejamento, a execução e a avaliação desses treinamentos, onde foram efetuadas as seguintes oficinas:

- Na Paróquia São Luiz Gonzaga (Brusque), em 08/09/94, com palestra ministrada pela Assistente Social Felícia W.Kato, que tinha como objetivo “Oferecer novas alternativas para o trabalho com Grupos de Idosos”ao qual contou com a participação cinquenta pessoas.

- Em Santo Amaro da Imperatriz, com a Socióloga Mônica Joesting Siedler do NETI(Núcleo de Estudos da Terceira Idade /UFSC), a oficina “O Idoso e as relações geracionais”, a qual teve como objetivo “Instrumentalizar o voluntariado que desenvolve trabalho junto à população idosa com informações gerontológicas”. Estiveram participando vinte e três pessoas.

- Em Brusque, paróquia São Luiz Gonzaga, a oficina “Origami na Terceira Idade”, ministrado pela professora Nailza Silva e Silva, a qual objetivava oferecer alternativas para atividades com grupos de Idosos, trabalhar articulações, memória , bem como proporcionar lazer, ocupação e geração de renda aos Idosos carentes.

- No Estreito, paróquia Nossa Senhora de Fátima, com o objetivo de “Promover um melhor entrosamento dos voluntários, desenvolver atividades criativas, promover vivências corporais favorecendo um melhor conhecimento de seu corpo, preparar o voluntário para melhor atuar em suas atividades e discutir e refletir a

cidadania da pessoa Idosa”, a qual teve duração de duas (02) tardes e contou com a participação de aproximadamente 70 pessoas em cada tarde, onde estiveram presentes Voluntários dos seguintes grupos: Capoeiras, Bom Abrigo, Pinheira, Bela Vista, Santo Amaro da Imperatriz, Abraão, Fundos de Biguaçu, Antonio Carlos, Estreito, Coqueiros, Saco Grande I, Ingleses, Passa Vinte (Palhoça), Trindade, Palhoça e Prefeitura Municipal de Florianópolis. As palestras foram ministradas pela Assistente Social Regina Panceri e pela professora de educação física do NETI Marize Amorim Lopes.

-Na cidade de Guabiruba, com a palestrante Mônica Joesting Siedler.

-Em Itajaí com a Professora Marize Amorim Lopes, em 27/06/95, a qual contou com a participação de trinta e quatro Voluntários.

E finalizando os treinamentos deste ano em Tijucas, com palestra ministrada pela Socióloga Mônica Siedler, ao qual compareceram aproximadamente sessenta e quatro pessoas.

Tendo o Voluntário como elemento propulsor de suas atividades no tocante à Terceira Idade, a instituição desenvolveu e vem desenvolvendo tais treinamentos com objetivos direcionados para a construção de uma cidadania ativa. Busca a participação ativa e consciente da pessoa Idosa dentro dos limites e condições que apresenta, sendo o Voluntário o fio condutor dessa ação e da ligação entre a ASA e os Grupos. A instituição atua no sentido de que ambos trabalhem na edificação de uma velhice mais digna, na superação da solidão, na preservação da vida com dignidade e com sentido.

Esta breve retrospectiva sobre os treinamentos se fez necessária para que melhor possamos compreender as atividades, posturas e encaminhamentos adotados pelo Voluntário que encontramos na atualidade, e que representa a mola propulsora de toda a ação desenvolvida com os grupos de Idosos e, conseqüentemente, com a pessoa Idosa em sua individualidade.

No próximo capítulo procederemos a análise do rebatimento dos treinamentos na ação dos voluntários e, falaremos sobre a nossa práxis e pesquisa.

Nossa preocupação até então foi a de mostrar quais foram as orientações oferecidas pela instituição ASA e mais tarde ou seja, no próximo capítulo nos dedicaremos a análise do rebatimento deste na ação destes Voluntários.

CAPÍTULO III

MOTIVOS E SIGNIFICADOS DA AÇÃO VOLUNTÁRIA

3.1 Compreensão teórica.

A nossa vivência como Estagiária do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina teve como espaço a Ação Social Arquidiocesana-ASA, onde, desde o início, nos foram proporcionados contatos e experiências com o Idoso - Voluntário ou participante dos Grupos de Idosos, permitindo-nos crescer como pessoa e como profissional.

A ASA, como já referendamos anteriormente, foi pioneira ao introduzir em seus quadros estagiários da então Faculdade de Serviço Social e, até o ano de 1977, a equipe executiva era formada quase que exclusivamente por profissionais dessa área. Até hoje vamos encontrar em seus estatutos “a utilização de metodologias” do Serviço Social.

A Ação Social Arquidiocesana conta, na atualidade, com a participação de duas profissionais, Assistentes Sociais que compõem a equipe executiva¹⁰ e que como tal, atuam conjuntamente na execução dos programas, projetos e mini-projetos: armazéns comunitários, cooperativas, escola rural, etc.

O Serviço Social assume, na contemporaneidade, importante papel na promoção de condições que visam atender às necessidades da pessoa, objetivando o exercício de seus direitos, enquanto cidadão, e sua participação consciente e ativa na sociedade.

Sua ação é voltada para o ser, enquanto pessoa existente numa sociedade contraditória, e o profissional de Serviço Social é um ser de relações e que vai trabalhar com a compreensão dessas relações. Essa compreensão, para Capalbo (1984, pag. 2), “... *recíproca da vida vivida tanto pelo Assistente*

¹⁰ Conforme item 2.1 deste trabalho.

Sua ação é voltada para o ser, enquanto pessoa existente numa sociedade contraditória, e o profissional de Serviço Social é um ser de relações e que vai trabalhar com a compreensão dessas relações. Essa compreensão, para Capalbo (1984, pag. 2), *“... recíproca da vida vivida tanto pelo Assistente social quanto pelo sujeito que vive sua vida. É compreensão subjetiva que leva a conscientização e a ação”*.

Para Castro (1985, pag. 14),:

“O Serviço Social orienta-se, também, numa permanente compreensão do homem, de seu modo de existir, do seu sentido de ser e da maneira como sua existência constitui-se em relação a este mundo”.

É na busca da compreensão desse sujeito, ser humano, e de sua autopromoção que o Serviço Social atua, desenvolvendo ações sócio-promocionais, no sentido de conscientizar, politizar, incentivar e capacitar.

O Serviço Social da ASA atua nos mais diferentes momentos do processo de planejamento:

- tomada de decisões;
- processos de negociação;
- avaliações;
- execução;
- elaboração de convênios, os quais são firmados com organismos de âmbito internacional, nacional, regional e local.

Utiliza-se do diálogo como mediação entre o profissional e o sujeito usuário, que, para Almeida (1978):

“{...}, como ajuda psicossocial, constitui-se num processo onde assistente social e cliente realizam uma experiência com todo o seu ser no contexto da história humana”. (pag. 116)

Ao Serviço Social cabe transformar esse diálogo, não em simples troca de palavras, mas, através da reflexão, para produzir entendimento e compreensão do compromisso da ação desse ser humano, enquanto ser engajado no mundo.

Foi através do diálogo e da observação que começamos a aproximar-nos da realidade cotidiana de estágio, vinculada ao programa de “Formação de Lideranças”, que tinha como objetivos:

Geral: -“Informar, capacitar e aperfeiçoar lideranças (para um maior envolvimento nas Ações Sociais na questão social) para o trabalho social”.

Específicos: - “Repensar a sua prática de Ação Social”;
- “Criar mecanismos para desenvolver trabalhos da Ação Social de acordo com a realidade”;

- “Capacitar para um maior envolvimento nas questões sociais mais emergentes”. (ASA: Plano de Ação, 1991, pag. 4).

Nesse programa, passamos a observar e acompanhar as atividades de assessoria aos grupos de idosos e aos treinamentos para Voluntários da Ação Gerontológica”, atuantes nos referidos grupos, tendo como princípio a concepção de que ambos, voluntários e idosos são **pessoas**, sujeitos de seu próprio processo de crescimento, singulares e receptivos.

Concordamos com Mounier, quando assim se expressa sobre essa categoria:

“Tratar o outro como sujeito, como ser presente é reconhecer que não o posso definir, nem classificar, que ele é inesgotável, pleno de esperanças”. (1964, pag. 66)

A prática desenvolvida pelos profissionais de Serviço Social são embasadas por uma concepção de homem e de mundo, iluminada por paradigmas e referencial teórico, com os quais o profissional se identifica.

Buscamos referendar por Pavão esse nosso entendimento:

“O fato de o homem estar no mundo conscientemente torna-o aberto à realidade e, portanto, um ente de

relações, capaz de captar, compreender e expressar essa realidade, tendo, por meio da criatividade, possibilidade de transformar o mundo pela sua própria ação". (1988, pag. 41)

Por entendermos que nossa prática privilegiou a pessoa enquanto existente, buscamos referencial teórico no Existencialismo e no Personalismo, a fim de compreender o significado e os motivos constantes na ação voluntária com pessoas Idosas nos grupos.

Concordamos com Mounier (1964, pag. 65), quando coloca que:

"Compreender é deixar de me colocar sempre no meu próprio ponto de vista, para me situar no ponto de vista dos outros. Não me preocupar numa pessoa escolhida e igual a mim, mas captar com a minha singularidade, numa atitude de acolhimento e num esforço de recolhimento".

É na busca do significado do fenômeno que o Serviço Social procura compreender a existência das pessoas. Para tanto, utiliza-se de métodos, sendo que, para fins desse estudo, nos utilizaremos do método fenomenológico que, para Pavão, "... implica em caminhar para a compreensão, respeitando a complexidade do real e procura buscar o sentido do próprio fenômeno".

Como categorias fundantes de interpretação de nossa prática, escolhemos: **motivos, significados, intencionalidade, consciência crítica e consciência histórica**, utilizando, como instrumento de nossos encontros, o diálogo, que é fundamental na relação do processo de ajuda, para a compreensão da existência humana.

Através do diálogo, procuramos compreender os voluntários, buscando extrair de suas práticas elementos para reflexão e ação, buscando, em conjunto, a transformação.

Para Freire (apud Pavão, 1988, pag. 41),:

“... mediante a reflexão sobre a sua realidade, o homem chega a ser sujeito, tornando-se mais consciente, comprometido, disposto a intervir para transformar”.

Essa transformação se dará no sentido de uma maior abertura aos outros, ao mundo; essa abertura é exercida através do engajamento, que é a possibilidade de a pessoa transcender a natureza, a si própria, na construção da plenitude de sua existência.

Severino assim se expressa sobre a existência:

“Para existir plenamente, é ainda preciso agir, pois é na espessura da ação que se trama a existência. Agir para transformar a realidade exterior, para se autoconstruir, para aproximar as pessoas entre si e para aumentar o universo de valores”. (1983, pag. 14)

É, pois, na ação construtiva e engajada, que a pessoa se tornará sujeito de sua história, buscando, cada vez mais, a integralidade de sua condição de ser humano.

Segundo com Mounier (ibid. pag. 32),:

“É a forma de afirmação pessoal que destrói os obstáculos e rasga novos caminhos. É por isso que devemos negar a natureza como dado, para afirmá-la como obra pessoal, suporte de toda a personalização”.

Assim, a pessoa só conquista o seu universo pessoal ao se engajar. É ela que tem a capacidade para romper com a natureza e transformá-la.

Mounier esclarece mais essa questão, quando assim se expressa:

“A pessoa não se contenta com sofrer a ação da natureza donde veio, ou com o mover-se conforme suas provocações. Volta-se para ela para transformar e progressivamente lhe impor a soberania dum universo pessoal”(ibid. pag. 52).

“A pessoa não se contenta com sofrer a ação da natureza donde veio, ou com o mover-se conforme suas provocações. Volta-se para ela para transformar e progressivamente lhe impor a soberania dum universo pessoal”(ibid. pag. 52).

A esse respeito, Severino (ibid. pag. 14) afirma: *“O universo pessoal exige intrinsecamente o engajamento do homem. Recusá-lo seria recusar a própria condição humana”*. A ação é uma atitude do homem frente à vida que a sociedade lhe impõe. Nisso, reside a possibilidade para se desenvolver e abrir novos caminhos.

A ação vai trazer em seus atos a marca do ser da pessoa, enriquecendo a sua existência.

É o sentido, a intencionalidade que a pessoa dá à sua ação e à sua existência, que a fará conhecer novos desafios, adquirir experiências e, em consequência conquistar equilíbrio, sabedoria e realização.

À medida em que é desafiada a atuar, a pessoa refletirá de modo mais crítico sobre sua existência, construindo-se e tornando-se sujeito.

Para Freire, esse é o processo da conscientização, que é um ato de conhecimento, enquanto ser no mundo, atuando nele e com ele. É na práxis da reflexão e ação que a conscientização vai existir.

Esse existir supõe fazer história, e o homem consciente faz história, na medida em que, entendendo-a, busca novos valores, novas formas de atuar, de atitudes e de comportamentos.

Freire vai mais além, quando nos diz que esse fazer história supõe conhecimento crítico e integrado à realidade. A consciência crítica interroga, provoca, averigua, busca entendimento da história, de todas as suas implicações.

Wojtyla (1982) nos diz que a consciência crítica vai se dar via engajamento, na participação com os outros na comunidade, resguardando o valor pessoal do homem, pois, participando, o homem descobre uma nova dimensão de si mesmo, enquanto pessoa.

Para esse autor, a realização da ação é um valor que si denomina personalista, pois a pessoa que a executa se realiza.

“A ação constitui o momento específico por meio da qual se revela a pessoa. A ação oferece o melhor acesso para penetrar na essência intrínseca da pessoa e nos permite conseguir o maior grau possível de conhecimento das pessoas”. (ibid. pag. 13).

A ação humana deve ser compreendida junto com os outros, pois o homem é um ser de abertura, que encontra significados de sua existência na relação que estabelece com os outros na comunidade.

Nesse sentido, é através da comunidade que, para Wojtyla:

“... encontramos a realidade da participação enquanto propriedade da pessoa que lhe permite atuar ‘junto com os outros’ e, portanto, chegar a sua própria realização. Simultaneamente a participação, enquanto propriedade da pessoa, é um fator constitutivo de toda a comunidade humana. Devido a esta propriedade, pode-se dizer que chegam a fundir-se, a pessoa e a comunidade. (ibid. pag. 323).

O atuar e existir em comunidade possibilita à pessoa manifestar-se, expressar-se, revelar-se, se construir e constituir-se como pessoa. É nessa vivência que a pessoa vai realizar o valor personalista, ou seja, a pessoa se auto-realiza ao realizar a ação.

↓
e Para Wojtyla (ibid. pag. 317):

“A capacidade de atuar junto com os outros é que faz possível a realização de tudo aquilo que é consequência da atuação em comum e, ao mesmo tempo, realizar com eles o valor personalista de sua ação”.

A vida com os outros em comunidade impõe e possibilita ao homem ampliar suas capacidades pessoais, e oportunizará a realização da pessoa enquanto ser que não existe sozinho, mas com o outro e, pela necessidade do outro que a chama para a ação. //

esse aqui

Para Heidegger (1981, pag. 18):

“Ser-com” ou ‘sendo com’ é um constitutivo fundamental do ser-aí” do existir humano”.

Sem essa característica, que é a de existir junto com, ou na presença do outro, a vida humana não teria sentido para o ser humano, como coloca Heidegger:

“... é a maneira fundamental de se viver com os outros que possibilita tanto o viver em comunidade, onde cada um compartilha sua maneira própria e autêntica, quanto o viver dissolvido e diluído na massificação, absorvido no coletivismo, tornando-se uma peça, um objeto manipulável. O ser si mesmo autêntica e propriamente depende e se baseia nos modos de “viver com os outros”, no “ser com os outros”. (ibid. pag. 22).

Esse viver com os outros, atitude de engajamento, é provocada por um motivo. Os motivos humanos, desde muito, têm sido objeto de estudo e, dada a complexidade do tema, sabemos que não existe uma única estrutura para explicá-los, interpretá-los, pois revelam e penetram a imensidão da estrutura humana; daí, o fato de o tema ser constantemente pesquisado, analisado e estudado por profissionais da área de humanas, principalmente a psicologia e a psicanálise.

Murray se expressa sobre os motivos, dizendo que a pessoa é motivada por uma diversidade de fatores internos e externos. Para tanto, enumera duas modalidades de pesquisa para o entendimento acerca dos motivos:

-“Medir certas condições externas que se julgam produzir impulso;

-medir certos aspectos de comportamentos da pessoa que refletem os seus motivos”. (1976, Pag. 22-23).

O autor sugere que a segunda modalidade é a mais empregada, sendo que os motivos se alteram, enfraquecem ou se intensificam, de acordo com as experiências, expectativas e, conforme o lugar, hora e circunstâncias em que a pessoa está envolvida.

O motivo “*é um móvel, o que põe em movimento, o que impulsiona para a ação*”. (ibid. pag. 20).

Esse ato de dar sentido a alguma coisa, é o vivido, humano e social, que, constituído de significados, recorre a processos de compreensão e da interpretação para, então, ser expressa à consciência.

É por isso que Husserl (apud Capalbo, 1980, pag. 60) vai dizer:

“O mundo vivido, humano e social; objetivo, intelectual e prático é produto da atividade significativa do próprio sujeito, intimamente ligado à intenção e a interpretação e, por isto, deve ser chamado de mundo subjetivo”.

Procurando entender os motivos e significados constitutivos da ação voluntária, e para que o Serviço Social venha a desenvolver ações que fortaleçam e que compreendam essa ação.

3. 2 Análise compreensiva/interpretativa dos Motivos e Significados da Ação Voluntária.

Como estagiária de Serviço Social na ASA, logo nos primeiros dias de estágio, efetuamos levantamento, a fim de saber quantos eram os grupos, Idosos e voluntários que desenvolviam atividades com os grupos de idosos.

Foi então que nos chamou atenção o expressivo número de pessoas que atuavam nos grupos, ou seja, 374 voluntários.

Como na instituição não havia estudos sobre o motivo pelo qual que essas pessoas se engajavam na ação voluntária, optamos por realizar pesquisa a fim de que nos possibilitasse um entendimento dessa opção. E, por estarmos em constante contato com os Voluntários, seja através dos treinamentos ou, semanalmente, no Grupo de Idosos Santana, e por presenciarmos em várias oportunidades as atitudes e ações por este desenvolvidas, sentimos a necessidade de verificar mais detidamente

nos possibilitasse um entendimento dessa opção. E, por estarmos em constante contato com os Voluntários, seja através dos treinamentos ou, semanalmente, no Grupo de Idosos Santana, e por presenciarmos em várias oportunidades as atitudes e ações por este desenvolvidas, sentimos a necessidade de verificar mais detidamente qual a contribuição da Ação Social Arquidiocesana aos mesmos no decorrer dos treinamentos.

Para tanto, definimos como objetivos de nossa pesquisa:

- “Identificar e compreender os motivos e significados fundantes da ação voluntária” e,

- “Levantar e oferecer subsídios para uma avaliação dos treinamentos e da assessoria prestada pela Ação Social Arquidiocesana às Ações Sociais a ela filiadas”.

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos os seguintes instrumentos: a entrevista e o questionário.

As entrevistas¹¹ foram efetuadas pessoalmente na Comarca da Ilha, formada pelas seguintes comunidades: Saco dos Limões, Agrônômica, Trindade, Ingleses e Saco Grande I e Ribeirão da Ilha, com o qual não foi possível contactar. No total, foram realizadas vinte e uma (21) entrevistas com as Coordenadoras e Voluntárias que desenvolvem atividades com os Grupos de Idosos das Ações Sociais filiadas à ASA, as quais entrevistas foram gravadas para que não se perdessem os significados expressos.

Além disso, para que fosse atingido um contingente maior de pessoas, enviamos pelo correio questionário¹² acompanhado de correspondência, onde explicamos os objetivos de nossa pesquisa, solicitando a participação das Coordenadoras da Arquidiocese de Florianópolis. Foram enviados cinquenta e oito (58) questionários, modelo em anexo a este trabalho, dos quais nos devolvidos um total de quinze(15).

¹¹ “Entrevista semi-estruturada, aberta ou livre, que é um dos principais meios que tem o investigador para realizar a coleta de dados. Este tipo de entrevista ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.” Trivinos, 1987, pag. 146.)

¹² Questionário que pode ser definido como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito as pessoas, tendo como objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. “(Gil, 1991, pag. 124).

Os voluntários abrangidos em nossa pesquisa foram quase que,unânimamente do sexo feminino, com exceção de um Senhor que respondeu ao questionário. Os mesmos possuem entre quarenta e três (43) e setenta e sete (77) anos de idade. Cabe acrescentar que sabemos da existência de homens atuando como voluntários, desenvolvendo atividades manuais, jogos diversos.

As profissões dos voluntários com maior incidência são: Do lar e aposentadas, com número bem menos expressivo de profissionais e agricultoras. Sendo que, as características que mais pudemos identificar foram a disponibilidade e a fé.

Para compreender os motivos da ação voluntária, problematizei a questão perguntando: Qual o motivo que a levou a desenvolver atividades como voluntário com grupo de Idosos?

Os motivos que nos foram expressados foram os seguintes:

- **“A pedido do padre”;**
- **“A pedido da antiga coordenadora e de outros voluntários”;**
- **“Porque tinha disposição e força de vontade”;**
- **“Para valorizar o Idoso que encontrava abandonado, deprimido, desprezado”;**
- **“Pelo prazer da companhia do Idoso”;**
- **“Porque tinha experiência com os pais, parentes idosos, depois que estes vieram a falecer deixando uma lacuna, esta foi preenchida pelos idosos do grupo”;**
- **“A convite de meu esposo que já trabalhava no grupo”;**
- **“Por gostar da pessoa idosa!”;**
- **“Porque eu me aposentei...”;**
- **“Para seguir o exemplo de “Maria”na sua humildade e doação”;**
- **“Porque fiz o curso de monitores do NETI e me conscientizei que já estava quase na Terceira Idade e cada um tem que desempenhar seu papel na sociedade”;**
- **“Com o objetivo de me encontrar, primeiro saí de casa para a ginástica no NETI, depois fui para o curso de monitores e agora estou aqui, no grupo”;**
- **“Porque eu precisava me ocupar, estava doente e deprimida!”.**

Os motivos expressos revelam que a consciência desses Voluntários foi determinada por agentes externos e internos e por todo um contexto cultural, político e ideológico e psico-social.

Com a Ação Social, a igreja conclamou o cristão/leigo a atuar mais diretamente nas questões sociais e na evangelização e cristianização dos indivíduos, da família e da sociedade.

Mais tarde, o Papa Pio XI vai reafirmar a importância da participação do leigo voluntariamente engajado, como difusor da doutrina social da igreja.

Em síntese, a igreja católica, até os nossos dias, através de seus documentos, convida ao engajamento em movimentos, grupos e organizações, a fim de realizar a doação e a solidariedade. O Brasil, por ser, em termos numéricos formado pela maioria de católicos, é profundamente marcado por toda essa ideologia da missão da doação, servir e do ser solidário com o próximo.

Outro fenômeno que precisa ser analisado é a questão de que as voluntárias não manifestaram possuir uma consciência mais crítica e elaborada acerca do seu fazer. Como nos fala Capalbo (1984), é pouco elaborada, carecem de um processo de análise do conjunto da reflexão-ação.

Isso demonstra outro aspecto, isto é, o fato de que a consciência é determinada pela forma como estamos inseridos na história, e esse voluntário apresenta uma consciência determinada pela religiosidade, marcada pelo serviço e doação ao outro. A “*priori*”, essa ação é correta, haja visto estar sendo coerente com a própria formação discursiva dessa pessoa; no entanto, tal consciência e ação se apresentam carentes de um caráter mais reflexivo, atualizado e inserido no contexto social, econômico, cultural e político.

É no entendimento, na transformação dessas consciências que o Serviço Social da Ação Social Arquidiocesana precisa investir, a fim de que essa possibilite um avançar nas práticas tarefas e miméticas que o voluntário desenvolve junto aos grupos de idosos, a qual presenciamos em várias oportunidades, quando visitamos os grupos e, também, nas atividades do grupo Santana, que acompanhamos semanalmente.

Em outras palavras, a consciência crítica pode ser apreendida, desenvolvida e, isso acontecerá através das mediações com os outros que nos indagam, questionam. É nas relações que o voluntário vivencia nos grupos, e que urge ser repensadas, estabelecendo relação de sujeito para sujeito, que essa consciência crítica se dará.

Em outras palavras, a consciência crítica pode ser apreendida, desenvolvida e, isso acontecerá através das mediações com os outros que nos indagam, questionam. É nas relações que o voluntário vivencia nos grupos, e que urge ser repensadas, estabelecendo relação de sujeito para sujeito, que essa consciência crítica se dará.

As falas revelaram, também, que ao fazer opção pelo engajamento, este vai possibilitar a construção da própria identidade do voluntário. É Como nos fala Mounier, é no engajamento, através de sua própria ação, que o homem vai transformar o mundo.

Mounier e Wojtyla dão ênfase à questão de que a pessoa vai existir com o outro, na participação na comunidade.

É a ação voluntária que possibilita à pessoa, estabelecer relações com os outros, a se encontrar como pessoa. Esse é um processo para a qual o Serviço Social da ASA precisa atentar; na medida em que a ação desenvolvida por este voluntário está possibilitando ao mesmo encontrar-se como pessoa e, em consequência, atuar com os outros e contribuir para crescerem juntas.

Buscando apreender o significado e como se sentiam realizando as atividades com idosos, perguntamos: **Você se sente realizada trabalhando com Idosos?** Trinta e seis (36) foram as pessoas que responderam à essa questão.

As significações expressas podem ser resumidas nas seguintes falas:

- **“Sim, me sinto realizada completamente!”.**
- **“Sim, porque é necessário ajudar a pessoa Idosa!”.**
- **“Sim e agradeço à Deus a oportunidade e procuro retribuir”.**
- **“Sim, aprendi muito e cresci muito com a experiência”.**
- **“Sinto-me feliz, é como se estivesse trabalhando com a minha mãe!”.**
- **“Ainda não! Não elevamos a pessoa Idosa ao lugar que ela merece, ainda há muito para ser feito!”.**

Pelos significados enunciados, podemos perceber a presença de uma forte carga afetiva, emocional; essa pessoa se realiza, não fazendo algo para si, mas, na dedicação, no prestar serviço ao outro, é que vai se realizar, se encontrar. Isto confirma que não existimos para nós, mas, sim, para o outro.

Já, Severino vai contribuir para nossa compreensão, quando se expressa, dizendo que a ação vai trazer em a marca do ser da pessoa, e que será pela ação do homem que este manifestará o seu ser e irá criá-lo, enriquecendo-se.

Contudo, para a eficácia da realização da pessoa e de sua ação, esta deve ser compreendida dentro da dialética de uma reflexão que deve encarnar-se numa prática efetiva e atuante.

Mais uma vez, é Severino que vai completar nossa interpretação com sua fala:

“A ação humana,... é duplamente engajada: numa situação condicionante, carregada de determinismos e numa esfera de valores significantes. Se, de um lado, a situação engendra obstáculos, impões limites e tece alienação, de outro, os valores exigem responsabilidade total”. (ibidem, pag. 141)

É necessário que se avance nos discursos e interpretações românticas a respeito dessa ação; precisamos entendê-la com todas as implicações e ideologias que esta ação traz consigo. Essa dialeticidade o Serviço Social precisa apanhar e refletir junto aos voluntários sobre suas ações, transformando-as em ações refletidas e repensadas.

Além disso, se faz necessário que os profissionais de Serviço Social estejam atentos à diversidade e riqueza presentes nos discursos dos voluntários.

Para Dias (1994, pag. 7):

“O discurso designa um mundo específico de apreensão da linguagem: ela faz sentido para os sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais históricas. Todo homem, enquanto existente está situado num tempo e num espaço e é daí que ele fala, enunciando a si, o outro e o mundo”.

Os discursos, as linguagens, significações expressas pelos Voluntários, são determinadas pelo lugar, formação ideológica constitutivas do contexto social, econômico, cultural e político onde o mesmo está inserido.

Contudo, será o outro que possibilitará ao voluntário que se perceba como ser. É na relação de engajamento com os outros, na comunidade, e nos grupos nos quais atua, que ele terá oportunidade de crescer, realizar-se, construir a sua identidade e a própria história.

A pessoa humana é um ser, por assim dizer, da ordem histórica; não é natural, tanto que intervêm na natureza, imprimindo nela sua ação.

Concordamos com Cañalbo, quando nos diz que *“a historicidade surge da temporalidade humana e por isso, quando falamos de mundo histórico, já pressupomos um mundo dos homens”*. (1987, pag. 83).

É nessa historicidade, no estar no mundo, interagindo, vivendo que vai permitir a pessoa a dar sentido para sua ação, pois é pela via da ação que o homem se enraiza no mundo.

Como intencionávamos oportunizar uma avaliação da instituição ASA frente à sua ação junto aos grupos e voluntários, fizemos a seguinte indagação aos entrevistados: **De que forma a ASA contribuiu para que você desenvolvesse seu trabalho junto aos grupos de idosos?**

Passamos agora a relatar as respostas obtidas:

-“Gostaria de ganhar algum tecido para dar algum trabalho”. (A-68 anos)

-“Através de orientações, diálogos e palestras com as Idosas”. (A-75 anos)

-“Eu sei o que a ASA faz, mas nunca tive contato”. (B-72 anos)

-“Sou neutra, trabalho a mais de dez anos e nada sei”.(E-58 anos)

-“Não iniciei esse trabalho pela Ação Social, sim pela LBA que me despertou, mas vejo que a igreja muito atrasada nesse campo”. (L-42 anos)

-“Somos incentivados pelo nosso pároco, Padre Sérgio”(P e L)

-“De forma nenhuma, não temos nenhuma ajuda, de ninguém”.(M-68 anos)

-“Mandando pessoas iluminadas do tipo da Vera para ensinar para voluntárias sobre algo diferente que sempre é muito aproveitado”.(M-58 anos)

-“A ASA contribuiu e contribue muito, dando apoio, através de visitas aos grupos de idosos”. (I-43 anos)

- "Mandando pessoas iluminadas do tipo da Vera para ensinar para voluntárias sobre algo diferente que sempre é muito aproveitado". (M-58 anos)

- "A ASA contribuiu e contribue muito, dando apoio, através de visitas aos grupos de idosos". (I-43 anos)

- "Olha, eu não tenho muito contato com a ASA, só fui em uma palestra na Trindade". (A-47 anos)

- "Pouco, quase nada. A minha fonte maior de informação são as leituras, os encontros promovidos são poucos, com pouca duração, com muita gente e pouco proveitoso". (M-43 anos)

- "A mim pessoalmente não, a minha experiência foi fora". (C-59 anos)

- "Com palestras e encontros que temos sobre o idoso, deveria ter mais". (E-44 anos)

- "Através de cursinhos ou palestras". (M-49 anos)

- "Organizando reuniões e nos esclarecendo". (R-58 anos)

- "Em parte sim, temos recebido visitas uma vez ou outra".

- "Contribue com coisas novas, mas já estamos sentindo falta de mais encontros". (C-55 anos)

- "Para nós a ASA não tem papel predominante". (R-66 anos)

- "Muitos encontros, palestras e reuniões". (G-75 anos)

- "Dando apoio, fazendo palestras encontros". (A-70 anos)

- "Uma das valiosas contribuições são: mandar pessoas simpáticas como você e outras bacanas, que lhes acompanhavam nos ensinando criatividade e recreação". (M-71 anos)

- "Ajuda com material beneficiando o trabalho junto ao grupo". (O-76 anos)

- "Através de encontros e reuniões, onde cada grupo procura trocar novas idéias". (L-54 anos)

- "Não opinou, não conhece a ASA (14 pessoas).

Estes depoimentos nos fazem refletir questão de que, a Ação Social Arquidiocesana atinge um determinado número de pessoas nos treinamentos que efetua para Voluntários da Ação Gerontológica, contudo os mesmos não conhecem o projeto da instituição, e poucos entendem qual o papel ou o que esperar da mesma.

O que encontramos nas entrevistas, e recebemos através dos questionários, são sentimentos de abandono, de revolta ("não temos ajuda de ninguém!"). Isso nos leva a questionar o comprometimento que a Ação Social, via ASA, assumiu e assume em nossos dias, no fortalecimento dos motivos para o engajamento na ação voluntária.

É preciso atentarmos para a questão de que a ASA, enquanto instituição ligada à Igreja Católica, mais precisamente à Arquidiocese de Florianópolis, está

Ainda que a instituição e o Serviço Social trabalhem com categorias atualizadas, tais como, cidadania ativa, conscientização, participação, transformação, quase que em sua totalidade, os motivos expressos se apresentaram destituídos de uma interpretação mais crítica, atualizada e consciente.

Cabe ressaltar que, quando falamos em cidadania ativa, sabemos que é um exercício, uma construção permanente, que visa a realização da pessoa em todos os seus aspectos: afetivos, culturais, políticos, sociais, econômicos, etc.

É necessário que o próprio Serviço Social e a instituição ASA clarifiquem aos voluntários qual é o seu projeto e, o que espera dessa pessoa em contrapartida.

Mas, intencionávamos saber do voluntário, quais eram as dificuldades que esse sentia no cotidiano de suas atividades. Por isso perguntamos: **Que tipo de dificuldades você sente ao trabalhar com os idosos hoje?**

As respostas foram:

-**"A falta de recursos financeiros. Eu me sinto enfraquecida, pois com todo meu esforço ainda falta muito. Eu sinto muitas dificuldades, não tenho nenhuma ajuda"**.(A.J.W-68 anos).

-**"Nenhuma dificuldade"**.(A.C.J-56 anos; S.C-59 anos; S.A.P-44 anos; F.S-68 anos; B.F-72 anos; V.T-43 anos; M.J.B.Q-43 anos; F.H- 43 anos).

-**"Dificuldades, eu não sinto"**.(M.F.de S- 57 anos).

-**"Não sinto dificuldades"**.(Z.L- 42 anos).

-**"Não tenho dificuldade. Eu me sinto muito bem"**!(A.P.S-75 anos).

-**"Somente dificuldades financeiras"**.(D.M-63 anos; A.T.A-56 anos; E.de S.M-52 anos; M.L.D-68 anos; I.J.E-43 anos; E.B.S- 44 anos; O.D -67 anos; L.S.L- 54 anos; I.P- 38 anos; M.M da S.- 71 anos).

-**"As dificuldades são muitas, a maior é fato de não poder dar assistência médica em geral"**.(M.do C.D.C-62 anos).(E.B.de M.-64 anos).

-**"Falta organização"**.(E.P.-58 anos).

-**"Dificuldades no repasse de informações de profissionais mais competentes, pois é difícil lembrar do idoso no dia-a dia"**.(L.A.F.- 42 anos).

-**"Neste grupo até hoje graças à Deus, não passamos dificuldades"**.(P.L e M.L).

-**"Somente particular, fora isso nada de dificuldades"**.(M.I.B.-50 anos).

-**"Sinto dificuldades em levar o grupo para frente"**.(A.G.S-47 anos).

-**"Não, nenhuma. O meu lema é acolher a toda e qualquer pessoa"**.(L.B.N.-59 anos).

-**"Falta de material e novas idéias para atrair o idoso e fazer com que ele sinta gosto pelas atividades"**.(M.de L.da S.-49 anos).

-**"Em conseguir médico geriatra, oftalmologista e odontólogo"**.(R.E da S.-58 anos).

-**"É o espaço físico que é inadequado para realização dos encontros".(M.H.M.L-63 anos).**

-**"Mais Assistentes Sociais, pois aparecem pessoas com problemas diferentes e a gente não está preparada para trabalhar".(C-55 anos).**

-**"Não tenho dificuldades na coordenação".(R.P- 67 anos).**

-**"Falta de espaço físico e conforto".(G.F.P-75 anos).**

-**"Nenhuma, há união, o grupo é prestativo, pronto para ajudar e a fazer caridade".(A.L.N-70 anos).**

Como podemos perceber, dificuldade financeira foi a mais presente nas respostas.

Assim, entendemos que é de suma importância que o Serviço Social da instituição mobilize as Ações Sociais, para que as mesmas repensem, avaliem e discutam quais as possíveis saídas para essa questão, e qual seria a contribuição que as mesmas poderiam prestar na continuação e fortalecimento das atividades nos grupos de idosos e, até mesmo, que convênios, projetos a ASA poderia estar firmando, a fim de solucionar essas dificuldades tão prementes nos grupos.

É eminente que o Serviço Social atue de maneira mais efetiva, realizando acompanhamento sistemático, supervisão, para que, possa detectar as necessidades que a demanda apresenta.

Outro aspecto a ser refletido é a questão dos treinamentos, dos quais não identificamos um efetivo rebatimento nas ações que o voluntário desenvolve nos grupos.

Isso se dá, porque os mesmos, no nosso entender, apresentam um nível muito teórico dificultando a compreensão e o posterior repasse dessas teorias e informações.

Além disso, entendemos que os treinamentos precisam partir das necessidades do cotidiano e da dinâmica interna dos grupos, tais como: planejamento participativo, coordenação de reuniões, informações básicas sobre a terceira idade e como trabalhar na busca de identidade, da cidadania de si próprio e daqueles alvos de sua ação.

Diante dessas colocações, passamos a relatar as sugestões apresentadas pelos voluntários, quando lhes perguntamos: **Você gostaria de deixar sugestões à ASA com relação ao seu trabalho com os grupos de idosos?**

Em síntese, foram essas as sugestões:

***Que sejam realizados mais cursos: trabalhos manuais, brincadeiras, exercícios e informações relativas à terceira idade.**

***Que os treinamentos sejam efetuados de maneira mais central, a fim de possibilitar maior e melhor acesso.**

***Que o profissional de Serviço Social, responsável pelo atendimento às Ações Sociais, efetue assistência mais periódica aos mesmos.**

***Estabelecer critérios e seleção no tocante as pessoas que irão desenvolver atividades com os grupos.**

***Necessidade de uma “fiscalização”as atividades que o voluntário desenvolve nos grupos, objetivando saber qual a sua postura frente ao idoso.**

***Que os treinamentos sejam descentralizados, criando um grupo responsável pelos mesmos.**

***Um número de dezesseis(16) pessoas não opinaram.**

As contribuições que as voluntárias apresentaram são de muita riqueza, e acreditamos que forneceram subsídios muito valiosos para que a instituição repense, avalie e discuta as ações e treinamentos oferecidos aos mesmos.

Salientamos o grande contributo que o Serviço Social já oportunizou, via grupo de idosos, àqueles que deles participam, pois é através desses grupos que podem ser mediadas transformações na própria pessoa, uma vez que à medida que ela participa, despertará para novos desejos e novas ações, dará um novo sentido a sua vida, no pleno exercício da cidadania.

Isso ocorrerá, quando a pessoa usufruir plena e completamente de seus direitos, enquanto cidadão, livre de preconceitos e discriminações. Este é o grande desafio que se apresenta ao Serviço Social e aos Voluntários que atuam com os idosos, população esta ainda segregada, discriminada e excluída do processo produtivo e da sociedade.

Finalizando, a nossa intenção foi a de mostrar a importância das ações que a instituição já vem de muito desenvolvendo junto aos voluntários, às quais carecem de um repensar e de uma avaliação de suas ações, além de salientar a valorosa contribuição que o Serviço Social vem prestando nas diferentes tarefas que desenvolvem na ASA.

contribuição que o Serviço Social vem prestando nas diferentes tarefas que desenvolvem na ASA.

Em suma, a experiência por nós vivenciada, foi rica e valiosa, como pessoa e como profissional. A convivência com o idoso e com os voluntários nos fortaleceu, e possibilitou que teorizássemos nossas práticas, impulsionando-nos à busca de novos conhecimentos.

Ser pessoa é estar aberto para si e para o mundo comunicando e a partilhando.

Assim, apresentamos a nossa experiência e pesquisa, a qual, dentro dos limites e possibilidades que se estabeleceram nessa trajetória oportunizou-nos desenvolvimento e amadurecimento. O assunto tematizado nessa compreensão da dialeticidade existente na ação voluntária, que é própria da existência pessoal. É como nos diz Severino, interpretando Mounier (1983, pag.85) **“... é preciso que a pessoa saia de si mesma para constituir-se; mas saindo de si mesma deve permanecer idêntica a si mesma, não se perdendo no outro”**.

Essa dialética encontra, no nosso entender, ressonância na ação desenvolvida pelo Serviço Social que, ao atuar em conjunto com os outros, na interdisciplinariedade, possibilitará um maior crescimento de si próprio como pessoa, como profissional e em consequência, daqueles alvo de sua ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse momento, representa para nós, uma tentativa de resgatarmos algumas reflexões sobre nossa práxis.

Percebemos que a Igreja Católica Apostólica, apesar de todas as mudanças, ainda carrega o maior peso no campo dos serviços sociais não-governamentais no Brasil.

Apesar da marca do assistencial que traz em suas ações, a Igreja continua a representar o acesso das minorias à participação e aos benefícios sociais, como é o caso da temática atingida pela atuação da ação voluntária, tema deste trabalho.

E é sob o fio condutor da caridade, do altruísmo, da realização pessoal, que o voluntário, vem compondo uma dimensão fundamental, ainda que impossível de ser mensurada, para enfrentar as situações absurdamente excludentes, seletivas da vida de uma sociedade

Em primeira instância, a ação voluntária é desenvolvida movida pela necessidade motivacional do próprio indivíduo. Por outro lado, este se volta para o outro relacionado com a solidariedade, com o amor ao próximo, a fraternidade, a doação, a compaixão e a vontade de ser útil a partir de uma participação mais ativa na comunidade.

No campo da atividade social, a ação voluntária é ainda decorrente da moral cristã, que vai atuar sobre as ações e as escolhas do voluntário; esta que se reflete em um projeto, que embora muitas vezes não consciente disso, vai viver através de suas práticas a solidariedade fraterna e solidária.

Compreendemos que o voluntário é uma pessoa que assume efetivamente tarefas se dedicando aos grupos, indivíduos e a sociedade. Também, que sua ação está voltada para alguma coisa que precisa ser feita, “é pelo Idoso que se encontra abandonado, deprimido, etc.”, é por si próprio, atuando, agindo, se encontrando e se constituindo nessa ação.

Ainda que, a ação voluntária não significa a substituição do papel do Estado, mas é nas lacunas deixadas por este, que a ação voluntária lança mão de seus instrumentos e ação, para avançar e atingir fins. É um trabalho que, no seu contexto,

Ainda que, a ação voluntária não significa a substituição do papel do Estado, mas é nas lacunas deixadas por este, que a ação voluntária lança mão de seus instrumentos e ação, para avançar e atingir fins. É um trabalho que, no seu contexto, apresenta uma dinâmica interativa representada pelas relações que estabelece, nos compromissos e responsabilidades individuais e coletivas dessa ação.

Sabemos também, que essa ação vai muito além do “tempo de sobra”, pois há nela afetividade, compromisso e construção.

O Serviço Social precisa apreender toda a dinamicidade presente nesta ação e, ajudar a pessoa que a desenvolve, a consciência do seu próprio fazer, do que a leva a executá-lo, clarificando e capacitando-a para essa compreensão, a fim de que se torne sujeito de sua ação e história.

Entendemos que o Serviço Social da ASA, deve procurar desenvolver ações conjuntas que provoquem essa reflexão e, uma atitude de abertura e de acolhimento.

A nós, no decorrer de nossa práxis, crescemos como pessoa e como profissional, posicionando-nos de maneira aberta frente as situações que nos apresentaram.

Essa trajetória foi marcada por momento difíceis e alegres, por angústias, mas afinal compreendemos que o aprendizado é permeado por conquistas, medos, erros e acertos, mas, o que importa é caminhar, avançando sempre mais.

Após a elaboração deste Trabalho de conclusão de Curso, nossa intenção foi a de mostrar que é de suma importância para o Serviço Social entender esta ação voluntária, a fim de lhes possibilitar, um melhor entendimento e de que o profissional vai trabalhar e dando conta em resposta às necessidade dessa demanda.

Ao Assistente Social, profissional de relações, mediador, a tarefa que se apresenta é a de continuar na luta por práticas menos seletivas, excludentes; na construção da pessoa como Sujeito, a fim de lhes possibilitar avançar de um patamar onde apenas sobrevive e tem suas necessidade básicas supridas, para um nível onde possa escolher, optar e participar ativamente de todos os momentos da vida em sociedade: econômico, político, cultural, social, etc.

Diante de que visualizamos em nossa prática, e daquilo que os dados da pesquisa apontaram, sugerimos que seja dada continuidade à reflexão iniciada neste trabalho. Além de, apresentarmos as seguintes sugestões:

- * Que a Equipe executiva reflita sobre a possibilidade designar mais um profissional para atuar junto as Ações Sociais, integrando todos os segmentos e trabalhos que nelas existem, objetivando o desenvolvimento de ações conjuntas.

- * Referendamos a estruturação e funcionamento do "Grupo de Apoio", já iniciado neste semestre. Este grupo será formado por Coordenadores de Grupos de Idosos pertencentes a uma mesma Comarca. Sendo que, o mesmo grupo, deverá ser estruturado em todas as Comarcas da Arquidiocese de Florianópolis; além de, desses grupos saírem um representante por Comarca para formar uma equipe de representantes para se fazerem representar nos diversos movimentos da Terceira Idade, tais como: Comissão Municipal do Idoso, Comissão Regional do Idoso, Conselho Regional do Idoso entre outros, atuando como representantes e como repassadores de informações.

Outra atividade pertinente à este "Grupo de Apoio" será a organização dos treinamentos destinados aos Voluntários da Ação Gerontológica da ASA, com a realização do planejamento participativo com a profissional de Serviço Social responsável pelo programa das Ações Sociais e todas as Coordenadoras integrantes desse Grupo.

Como nosso estágio e a pesquisa, nos possibilitou detectar algumas necessidades quanto às atividades do cotidiano dos Grupos de Idosos, sugerimos que sejam proporcionados treinamentos sobre: Como coordenar um grupo, como fazer um planejamento participativo, supondo divisão de tarefas, descentralização de ações, como documentar a história do grupo, entre outros.

Também, que sejam estabelecidos critérios para a seleção e o acesso a atividade voluntária junto aos Idosos, com formação prévia aos mesmos, possibilitando que o Voluntário ao partir para o desenvolvimento de suas ações já esteja com conhecimentos acerca da Terceira Idade, de quais atividades e como poderia desenvolvê-las com os idosos, além de, o mesmo estar mais consciente da tarefa e das responsabilidades que passará a ter atuando junto à Terceira Idade.

Estamos cientes de que, tal ação possibilitará uma maior e melhor atuação no tocante a assessoria, acompanhamento e supervisão as atividades das Ações Sociais.

É por sabermos, que a instituição passa nesse momento por um repensar de todos os seus trabalhos e de sua caminhada, que apresentamos tais sugestões para debates e, futuros projetos e intervenções.

Entendemos que nesse processo o Serviço Social foi e tem sido, parte integrante de toda essa reflexão e como tal, poderá muito contribuir para a efetivação dessas propostas.

Finalizando, esperamos que este trabalho venha a enriquecer o trabalho da instituição e possibilite reflexões do fazer profissional junto à temática: voluntário e Idosos.

Que, dentro dos empecilhos, limites e possibilidades que esta caminhada apresentou, o trabalho que ora acabamos de apresentar, enriqueça e possibilite um avanço e crescimento à aqueles que dele fizerem uso, tanto quanto o fez para nós, como pessoa e como profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Antonio Geraldo de. Serviço social e filosofia: das origens ao araxá 4.ed. São Paulo: Cortez, 1991.

ALMEIDA, Anna Augusta. Possibilidades e limites da teoria do serviço social. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p.159

AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA. Relatório de atividades 74. Florianópolis, 1975

_____. Relatório de atividades 76. Florianópolis, 1977.

_____. Relatório de atividades 77. Florianópolis, 1978.

_____. Relatório de atividades 78. Florianópolis, 1979.

_____. Relatório de atividades 80. Florianópolis, 1981

_____. Relatório de atividades 81. Florianópolis, 1982

_____. Relatório de atividades 82. Florianópolis, 1983

_____. Relatório de atividades 85. Florianópolis, 1986.

_____. Relatório de atividades 86. Florianópolis, 1987.

_____.	<u>Relatório de atividades 86.</u>	Florianópolis,
1987.		
_____.	<u>Relatório de atividades 87.</u>	Florianópolis,
1988.		
_____.	<u>Relatório de atividades 89.</u>	Florianópolis,
1990.		
_____.	<u>Relatório de atividades 90.</u>	Florianópolis,
1991.		
_____.	<u>Relatório de atividades 91.</u>	Florianópolis,
1992.		
_____.	<u>Relatório de atividades 92.</u>	Florianópolis,
1993.		
_____.	<u>Relatório de atividades 94.</u>	Florianópolis,
1995.		

BATISTA, Miriam Veras. Trabalhando com voluntários. (xerox)

BLÖMER, Rufina. A ASA e a capacitação de recursos humanos. Florianópolis, 1975. Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social. Faculdade de Serviço Social em Santa Catarina.

BRANT, Maria do Carmo. A proteção social destinada às famílias brasileiras. In. Revista Serviço Social e Sociedade. n.42, Ano XIV, ago.93, p.68-77

CASSES, Olma Aquino. Motivos da escolha do curso de serviço social na UFSC pelos vestibulandos de 82. Porto Alegre, 1983. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Área de Metodologias em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

CÁRITAS SÃO PAULO. Voluntariado: um convite a solidariedade. Informativo mensal da Cáritas Arquidiocesana de São Paulo. Ano I, n.9, Edição Especial. Jan./fev. de 1995.

CAPALBO, Creusa. Suplemento de debates sociais. CBCISS. Rio de Janeiro: n.8, ago, 1980, p.58-66.

_____. Fenomenologia e pesquisa em serviço social. Seminário de Pesquisa, PUC/RS, Porto Alegre-24 a 27/10/84, (xerox).

-
- _____. Fenomenologia e ciências humanas. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1987, p.106.
- CNBB**. Diretrizes gerais da ação pastoral da igreja no Brasil. Edições Paulinas. n.15, 1979-1982.
-
- _____. _____ .n.2
8, 1983-1986.
-
- _____. _____ .3.ed
. n.4, 1975-1978.
-
- _____. Brasil: alternativas e protagonistas por uma sociedade democrática In. 2a. Semana Social Brasileira, Petrópolis: Vozes, 1994, p.157.
-
- _____. Documentos do planejamento pastoral participativo. In. 8o. Plano de Pastoral 1990-1994 (CNBB-Regional Sul IV), Florianópolis, 1990, p.210.
- COHEN**, Nathan E. O papel do voluntário na sociedade moderna. Editora Fundo de Cultura, 1960.
- DIAS**, Maria da Graça dos Santos. A práxis dialógica como construção da intersubjetividade. Florianópolis: 1994, xerox.
- DOCUMENTOS PONTIFICIOS**. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo- Christifidelis Laicis. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- EGBERT**, Sundart. A realidade do esforço voluntário uma perspectiva do mundo em desenvolvimento. Debates Sociais. Rio de Janeiro: CBCISS, n.35, p.35-40, 2o. Sem/1982.
- FREIRE**, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1980, p.102.
- GIL**, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 2.ed São Paulo: Atlas, 1991, p.206.
- HEIDEGGER**, Martin. Todos nós...ninguém; um enfoque fenomenológico do social. Apresentação, introdução, notas e epílogo de Solon Spanoudis. Trad. e comentários de Dulce Mara Critelli. São Paulo: Moraes, 1980, p.72.
- LANDIM**, Leilah. Para além do mercado e do estado? Filantropia e cidadania no Brasil. Textos de Pesquisa, ISER, 1993.
- LIMA**, Alceu Amoroso. Elementos da ação católica. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

- MOUNIER, Emmanuel.** O personalismo. Trad. de João Bernard da Costa. Santos: Martins Fontes, 1964, p.210.
- PAULO VI.** O dom da caridade. 1972, xerox.
- PAVÃO, Ana Maria Braz.** O princípio de autodeterminação no serviço social. 4.Ed. São Paulo: Cortez, 1988, p.97.
- PUEBLA.** Evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1979.
- REVISTA DE TRABAJO SOCIAL.** Una experiencia de participacion en el campo del voluntariado social. Barcelona, n.134, 1994, p.100-103.(xerox).
- SCHWEITZER, José Antonio.** Igreja, desenvolvimento e bem-estar social. Florianópolis, 1967. Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social. Faculdade de Serviço Social.
- SEVERINO, Antonio Joaquim.** Pessoa e existência: iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier. São Paulo: Cortez, 1983, p.158.
- WOYTYLA, Karol.** Persona y accion. Trad. De Jesus Fernandez Zulaica. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1982, p.305-350.
- 11o. PLANO ARQUIDIOCESANO DE PASTORAL.** Abrindo caminhos para a libertação. Arquidiocese de Florianópolis. 2.Ed., 1989-1991.
- 12o. PLANO DE PASTORAL.** Elementos para a nova evangelização na arquidiocese de Florianópolis. 1992-1996.

ANEXOS

Florianópolis(SC), 06 de setembro de 1995

À
Coordenadora do Grupo de Idosos


Tendo em vista que neste semestre venho desenvolvendo pesquisa na área do idoso, na Ação Social Arquidiocesana de Florianópolis-ASA, e com o desejo de ampliar mais a compreensão sobre o tema da pesquisa, é que, venho através desta carta, solicitar à você Voluntária que vem há muito tempo dedicando-se ao trabalho junto aos Idosos da Arquidiocese que colabore com este estudo respondendo o questionário anexo à esta.

Gostaríamos de ressaltar que sua contribuição será de grande valia para que possamos avançar na qualidade dos trabalhos que são desenvolvidos por pessoas como Você junto aos Idosos.

Ainda que, os dados que constarão do questionário, serão tratados com sigilo absoluto, não havendo a necessidade de quaisquer preocupações sobre o assunto.

Na certeza de podermos contar com sua atenção, fico aguardando suas respostas, solicitando que o mesmo seja enviado para o endereço abaixo no prazo de até 15(quinze) dias .

Atenciosamente,


Vera Inez Gaher Nilsson
Rua Bocaiúva-Largo São Sebastião, 88
Fone: (048) 223.4604
88.015-560 Florianópolis(SC)

CADASTRO DE GRUPOS DE IDOSOS FILIADOS A ASA

01. Nome do Grupo _____

02. Data de início do Grupo _____

03. Nome da Coordenadora _____

04. Nome das Voluntárias _____

05. Fone para Contato _____

06. Endereço para correspondência _____

07. Nº de Participantes: Homens _____

Mulheres _____

TOTAL _____

08. Dias do Encontro _____

09. Atividades Desenvolvidas _____

10. Local de Encontro do Grupo _____

11. Sugestões _____

12. Dificuldades _____

OBJETIVOS: - Atualização do Cadastro
- Orientações quanto a organização do Grupo
- Dinâmica com os Idosos

RESPONSÁVEL:
Vera Nícia - Assistente
Social da ASA.

QUESTIONÁRIO

1. DADOS PESSOAIS:

DATA: \ \

PARÓQUIA A QUAL É VINCULADA

.....
NOME:

.....
SEXO: M () F () IDADE

.....
PROFISSÃO:

.....
RELIGIÃO :

FONE:

.....
ENDEREÇO:

.....
2. QUAL O MOTIVO QUE O(A) LEVOU A DESENVOLVER ATIVIDADES COMO VOLUNTÁRIO EM GRUPO DE IDOSOS?

3. VOCÊ SENTE-SE REALIZADO(A) TRABALHANDO COM IDOSOS?

4. DE QUE FORMA A AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA(ASA) CONTRIBUIU PARA QUE VOCÊ DESENVOLVESSE SEU TRABALHO JUNTO AO GRUPO DE IDOSOS?

5. QUE TIPO DE DIFICULDADES VOCÊ SENTE AO TRABALHAR COM OS IDOSOS HOJE?

6. VOCÊ GOSTARIA DE DEIXAR SUGESTÕES À ASA EM RELAÇÃO AO SEU TRABALHO COM OS GRUPOS DE IDOSOS? QUAIS?...